



FESTIVAL INTERNACIONAL DE MÚSICA

BRAGANÇA



Classicfest

4ª EDIÇÃO

FILIPPE PINTO-RIBEIRO
DIRECTOR ARTÍSTICO



CLASSICFEST.PT

01 > 12 OUT
2024



Com o Alto Patrocínio
de Sua Excelência

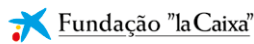


O Presidente da República

ORGANIZAÇÃO



MECENAS



APOIO



MEDIA



ÍNDICE

Apresentação.....	05
Programa.....	10
Artistas por ordem de concerto.....	49
Informações úteis.....	75
Equipa.....	76

PROGRAMA GERAL

01 OUT	21h00	CONCERTO DE ABERTURA <i>Gala "Il Mondo Felice"</i> Teatro Municipal de Bragança
03 OUT	21h00	FULGOR ROMÂNTICO <i>Mendelssohn & Dvořák</i> Igreja de Santa Maria - Cidadela de Bragança
04 OUT	21h00	CARTA BRANCA <i>a António Victorino d'Almeida</i> Teatro Municipal de Bragança
05 OUT	21h00	INTEGRAL DAS SINFONIAS DE BEETHOVEN <i>Sinfonias 6 & 8</i> Teatro Municipal de Bragança
06 OUT	17h00	A MÚSICA DA LÍRICA DE CAMÕES <i>Díptico 500 anos de Camões</i> Igreja de São Francisco
08 OUT	21h00	A ARTE DO DUO <i>Beethoven & Schostakovich</i> Igreja de Santa Maria - Cidadela de Bragança
10 OUT	21h00	AMOR E TRAGÉDIA NAS VIAGENS DE CAMÕES <i>Díptico 500 anos de Camões</i> Igreja de São Francisco
11 OUT	21h00	QUADROS DE UMA EXPOSIÇÃO <i>Em Memória de António Mega Ferreira</i> Teatro Municipal de Bragança
12 OUT	21h00	CONCERTO DE ENCERRAMENTO <i>Vivaldi – Esplendor do Barroco</i> Teatro Municipal de Bragança

**PAULO XAVIER***Presidente da Câmara Municipal de Bragança*

Bragança acolhe, entre 1 e 12 de Outubro, a quarta edição do Festival Internacional de Música. O BRAGANÇA CLASSICFEST tem-se vindo a afirmar como um evento de referência nacional e internacional, devido à constância da participação de artistas de reconhecido valor, tanto pelos seus pares como pelos seus públicos. A qualidade e rigor da programação é uma exigência balizada desde a sua génese, onde a música erudita se assume como protagonista, sob múltiplas formas e dinâmicas, estimulando o conhecimento, a criatividade e a interacção de diversos públicos de diferentes faixas etárias. Estamos perante um evento que contamina quem nele participa, que emociona e que permite a vivência de experiências sensoriais inesquecíveis. É esta transversalidade cultural, apresentada sob novas formas e abordagens, que atrai cada vez mais públicos diversificados, desde famílias, jovens, estudantes e crianças, elevando a cidade e o território a um

patamar, do ponto de vista cultural, mais atractivo, criativo e exigente. Num mundo cada vez mais distanciado de princípios, valores e significados, as artes e os artistas assumem um papel fundamental.

A música e, em particular, o BRAGANÇA CLASSICFEST, consiste, justamente, num projecto que respeita a liberdade de expressão e promove a cooperação internacional, numa lógica de união entre os povos, partilha e solidariedade.

Sob a Direcção Artística de Filipe Pinto-Ribeiro, a quem gostaria de expressar o meu genuíno agradecimento por ter aceitado este convite, o BRAGANÇA CLASSICFEST vai decorrer numa das melhores salas do país, o Teatro Municipal de Bragança, mas, também, noutros espaços emblemáticos da cidade, como é o caso da Igreja de Santa Maria e a Igreja de São Francisco. Deixemo-nos seduzir pelo programa de excelência, com artistas de renome mundial, num evento que marca, distintivamente, Bragança e a região.

Teatro Municipal de Bragança

Foto: Rita Carmo



JOÃO CUNHA

Director do Teatro Municipal de Bragança

O Teatro Municipal de Bragança completa vinte anos de vida e, com orgulho, entende o BRAGANÇA CLASSICFEST como parte integrante de um caminho pautado pela vitalidade, pela qualidade e pela universalização do acesso à Cultura e à celebração da vida em Comunidade. Consolidado no tempo e no(s) espaço(s), o BRAGANÇA CLASSICFEST continua a atrair e a fidelizar público(s), para a vivência de Música Erudita, no admirável património do território de Bragança. Nesta 4ª edição, entre 1 e 12 de Outubro de 2024, o festival reafirma-se como promotor de uma salutar descentralização cultural, elevando Bragança a referência nacional e internacional na área da Música Erudita. Sob a Direcção Artística de Filipe Pinto-Ribeiro, a programação inclui nove espectáculos de excelência, destacando-se a presença de duas Orquestras internacionais de elevado prestígio e reconhecimento

mundial – Orquestra Sinfónica de Paris “Consuelo” (França) e Orquestra Barroca de Veneza “I Solisti Veneti” (Itália). Uma programação eclética e apelativa – com solistas e *ensembles* de destacada relevância –, da qual fazem parte concertos evocativos do quicentenário de Luís Vaz de Camões – “A Música da Lírica de Camões”, pelo Concerto Atlântico, sob Direcção de Pedro Caldeira Cabral, e “Amor e Tragédia nas Viagens de Camões”, por Sete Lágrimas. Relevam, ainda, os concertos “Quadros de uma Exposição – Em Memória de António Mega Ferreira” e “Carta Branca”, uma celebração dos 70 anos de carreira do carismático Maestro António Victorino d’Almeida, a quem o Teatro Municipal de Bragança prestará homenagem. O Teatro Municipal de Bragança agradece aos parceiros envolvidos, particularmente a Sua Excelência o Presidente da República, pelo Alto Patrocínio concedido.



FILIFE PINTO-RIBEIRO

Director Artístico do Festival Internacional de Música Bragança ClassicFest

Neste ano de 2024 em que celebramos o cinquentenário do 25 de Abril, o Festival Internacional de Música BRAGANÇA CLASSICFEST prossegue a sua missão de acesso democrático à excelência artística, que, desde 2021, tem trazido a Bragança orquestras e músicos consagrados – como é o caso das Orquestras de Câmara de Viena e de São Petersburgo, da Orquestra Sinfónica das Astúrias, dos violinistas Esther Hoppe, Mario Hossen e Diana Tischenko, das cantoras Lena Belkina e Julia Muzychenko, do violetista Gérard Caussé, do clarinetista Pascal Moraguès, entre muitos outros artistas de renome –, para memoráveis concertos esgotados por um público entusiasta e multigeracional.

A partir de 1 de Outubro, Dia Mundial da Música, e durante duas semanas, o 4º CLASSICFEST torna novamente Bragança no epicentro da música clássica/erudita em Portugal, com uma programação eclética e aliciante, promovendo a celebração da vida em comunidade por intermédio da linguagem universal que é a Música.

Entre os artistas e agrupamentos presentes nesta 4ª edição, é de destacar, desde logo no Concerto de Abertura, duas artistas de excepção: as irmãs Samuil – a soprano Anna e a violinista Tatiana –, ambas solistas super-premiadas nos principais concursos internacionais e que vêm a Bragança apresentar, em estreia portuguesa exclusiva, o seu último projecto discográfico “Il Mondo Felice”.

Outros momentos altos da programação do 4º BRAGANÇA CLASSICFEST são os concertos de duas orquestras internacionais de referência: A Orquestra Sinfónica de Paris “Consuelo”, um dos projectos orquestrais mais destacados dos últimos anos, que no dia 5 de Outubro, interpreta as extraordinárias Sinfonias 6 e 8 de Ludwig van Beethoven, dando assim continuidade à Integral das Sinfonias de Beethoven no BRAGANÇA CLASSICFEST, iniciada em 2023 com a 5ª Sinfonia pela Orquestra Sinfónica das Astúrias. No Concerto de Encerramento, a 12 de Outubro, a Orquestra Barroca de Veneza “I Solisti Veneti”,

fundada em 1959 e considerada a mais famosa orquestra de câmara italiana das últimas décadas – com uma extraordinária carreira de mais de 6000 concertos, em cerca de 90 países, e cerca de 350 álbuns gravados para as melhores editoras –, que vem propositadamente a Portugal para apresentar em Bragança um concerto preenchido com música do famoso compositor veneziano Antonio Vivaldi.

Esta 4ª edição será também marcada pela celebração dos 500 anos do nascimento de Luís Vaz de Camões, com um díptico de concertos dedicados ao maior poeta de língua portuguesa por agrupamentos de referência, nomeadamente o Concerto Atlântico, dirigido pelo seu fundador Pedro Caldeira Cabral, e Sete Lágrimas, sob a direcção de Filipe Faria e Sérgio Peixoto.

Realce-se ainda os concertos de homenagem a dois grandes vultos da cultura portuguesa das últimas décadas: António Victorino d'Almeida, cujos 70 anos de carreira celebramos na presença do próprio compositor e pianista, num concerto Carta Branca com vários convidados.

António Mega Ferreira, cuja obra literária será evocada com a interpretação de música da sua predileção, nomeadamente o famoso ciclo para piano “Quadros de uma Exposição”, acompanhado por leituras, por Pedro Lamares e Filipa Leal, de uma antologia de textos seleccionados especialmente para esta homenagem por Marcelo Rebelo de Sousa, Graça Morais,

Simonetta Luz Afonso, Inês de Medeiros, Guilherme d'Oliveira Martins, Margarida Pinto Correia, entre outros.

E, *last but not least*, destaque para os concertos dos Ensembles Schostakovich e Juventus, com a presença de músicos consagrados e de jovens talentos nacionais e internacionais, para a interpretação de obras de grandes compositores: de Mendelssohn a Dvořák, de Beethoven a Schostakovich.

Paralelamente aos nove concertos desta 4ª edição, o BRAGANÇA CLASSICFEST continua o seu relevante eixo formativo e de sensibilização cultural, com a realização de *masterclasses* e encontros, com a participação dos artistas presentes no Festival e especialmente dirigidos aos músicos e estudantes da cidade e da região.

Importante marca do BRAGANÇA CLASSICFEST, desde a 1ª edição, é a realização de concertos em espaços de grande riqueza patrimonial, como acontece em 2024 nas Igrejas de São Francisco e de Santa Maria, na Cidadela de Bragança, num salutar cruzamento entre Música e Património Histórico, Cultural e Arquitectónico.

Esta 4ª edição pretende, assim, continuar a traçar um caminho de consolidação do BRAGANÇA CLASSICFEST como evento cultural de excelência, à escala nacional e internacional, contribuindo para a dinamização e prosperidade da região.

O nosso bem-haja a todos os que tornam possível a realização do Festival Internacional de Música BRAGANÇA CLASSICFEST, começando pelo fundamental apoio da Câmara Municipal de Bragança, do Teatro Municipal de Bragança e da DSCH Associação Musical, promotores e organizadores desta iniciativa louvável, e do mecenas do festival, BPI/Fundação “la Caixa”.

Agradecemos ainda à Direcção-Geral das Artes, à Diocese de Miranda-Bragança, ao parceiro media RTP Antena 2 e, especialmente, a Sua Excelência o Presidente da República, pelo Alto Patrocínio novamente concedido.

Filipe Pinto-Ribeiro

“Uma saudação especial à Câmara Municipal de Bragança. Em Trás-os-Montes, uma cidade lindíssima e do interior, realizou-se o 3º Festival Internacional de música clássica, que teve uma participação enorme. É um caso exemplar da cultura a promover o desenvolvimento.”

in SIC (Jornal da Noite), 8.10.2023
por Luís Marques Mendes

“En 2023, Bragança redevient le centre de la musique classique au Portugal pendant environ 2 semaines, grâce à une programmation passionnante et la présence de musiciens de renommée nationale et internationale. Le 3^{ème} Festival International de Musique BRAGANÇA CLASSICFEST présente, du 29 septembre au 7 octobre 2023, sous la direction artistique du pianiste Filipe Pinto-Ribeiro, un programme d'excellence musicale dans la ville historique de Bragança au Portugal, consolidant le chemin parcouru depuis les éditions 2021 et 2022.”

in Classique News (França), 21.9.2023
por Emmanuel Andrieu

**01 OUTUBRO 2024 3ªfeira**

Dia Mundial da Música

21h00 Teatro Municipal de Bragança**CONCERTO DE ABERTURA***Gala “Il Mondo Felice”*Anna Samuil *Soprano*Tatiana Samouil *Violino*Matthias Samuil *Piano***PROGRAMA****1ª Parte**

Wolfgang Amadeus Mozart Da ópera “As Bodas de Fígaro”
(1756-1791) “Giunse alfin il momento... Deh vieni non tardar” (*Susanna*)

Johann Sebastian Bach Da “Paixão segundo São Mateus”
(1685-1750) “Erbarne dich, mein Gott”

Richard Strauss 3 Canções
(1864-1949) “Allerseelen” Opus 10 Nº 8
“Cäcilie!” Opus 27 Nº 2
“Morgen!” Opus 27 Nº 4

Camille Saint-Saëns Introduction et Rondo Capriccioso, Opus 28
(1835-1921)

Charles-Auguste de Bériot Balatta “Il sogno di Tartini”
(1802-1870)

2ª Parte

Francesco Cilea Da ópera “Adriana Lecouvreur”
(1866-1950) “Ecco respiro appena... Io son l'umile ancella” (*Adriana*)

Pablo de Sarasate Aires Gitanos, Opus 20
(1844-1908)

Antonio Vivaldi Do “Gloria” RV 589
(1678-1741) “Domine Deus, Rex coelestis”

Pauline Viardot-García 2 Canções
(1821-1910) “Hãĩ luli” VWV 1106
“Заклинение” (*Evocação*) VWV 1041

Pietro Mascagni Da ópera “Cavalleria Rusticana”
(1863-1945) “Ave Maria”

Maurice Ravel Tzigane
(1875-1937)

Felix Mendelssohn Ária de Concerto “Infelice”, Opus 94
(1809-1847)



NOTAS AO PROGRAMA

O programa proposto pelas irmãs Anna e Tatiana Sam(o)uil para o concerto de abertura da edição de 2024 do festival Bragança ClassicFest tem como ponto de partida o projecto “Il Mondo Felice” (registado em disco para a Cypres Records em 2023) e foi desenhado em torno da figura de Maria Malibran (1808-1836), afamada *mezzo-soprano* espanhola da primeira metade do século XIX que conquistou notoriedade graças, sobretudo, às suas interpretações de repertório operático italiano. A julgar pela música escrita por Gaetano Donizetti (1797-1848) ou Vincenzo Bellini (1801-1835) para Malibran, a tessitura e a flexibilidade da sua voz seriam, de facto, notáveis. Por outro lado, a morte precoce da jovem cantora (aos vinte e oito anos de idade) tornou-a numa personagem de contornos quase lendários entre poetas e escritores do final do século XIX.

O alinhamento do presente concerto contém, portanto, algumas referências às coordenadas da vida pessoal e do percurso artístico da cantora espanhola e contempla repertório de diferentes géneros e épocas históricas, iniciando-se com música de Wolfgang Amadeus Mozart (1756-1791), compositor que Malibran manteve, desde cedo, no

seu repertório (note-se que Malibran integrou a produção da primeira apresentação de *Don Giovanni* em Nova Iorque, em 1826, levada à cena pela companhia de seu pai, o célebre tenor Manuel García). No recitativo e ária “*Giunse alfin il momento... Deh vieni non tardar*”, do quarto acto da ópera *buffa Le Nozze di Figaro* (de 1786), Susanna (aia da Condessa Almaviva) declara, de forma apaixonada, o amor que sente pelo seu futuro marido, Figaro (criado do Conde de Almaviva). O concerto prossegue com **Johann Sebastian Bach** (1685-1750), numa evocação à obra de outros músicos do passado a que Malibran terá também dedicado a sua atenção. A comovedora ária (com solo de violino *obbligato*) “*Erbarne dich, mein Gott*”, da *Paixão segundo São Mateus* (composta em 1727 e revista em 1736), sublima a dor e o arrependimento do apóstolo Pedro por ter negado (três vezes) conhecer e seguir Jesus. No capítulo da música sacra será também apresentado o número “*Domine Deus, Rex coelestis*”, do *Gloria*, RV 589, composto por **Antonio Vivaldi** (1678-1741) provavelmente em 1716.

As ligações familiares de Malibran são directamente convocadas para o

programa através das obras de **Pauline Viardot-García** (1821-1910), cantora e irmã de Malibran, e de **Charles-Auguste de Bériot** (1802-1870), violinista e compositor belga com quem Malibran manteve uma relação amorosa desde 1829 e com quem haveria de casar, em segundas núpcias, em 1836 (cerca de seis meses antes da sua morte). De Pauline Viardot-García serão interpretadas duas das mais de cem canções e *mélodies* que a cantora compôs, “*Haï luli*”, VWV 1106 e “*Заклинание*” (“Évocation”), VWV 1041, primeiramente publicadas, respectivamente, em 1880 e em 1865. De Bériot será apresentada a obra *Il sogno di Tartini: Ballata*, uma peça de câmara para voz, violino e piano escrita, muito provavelmente, em 1836.

Ao longo da sua curta carreira, foram vários os compositores que escreveram para Malibran. De **Felix Mendelssohn** (1809-1847) ouvir-se-á a ária de concerto “*Infelice*”, Op. 94. Foi composta em 1834, revista em 1843 e publicada, postumamente, em 1851. A primeira versão, apenas descoberta no século XX, foi escrita após um encontro em Londres entre Mendelssohn e o casal Malibran-Bériot, que apesar de não ter estreado a obra teve um papel

fundamental na sua concepção.

Serão ainda apresentadas obras de compositores posteriores a Malibran [“*Allerseelen*”, Op. 10, nº 8 (de 1885), “*Cécilie!*” e “*Morgen!*”, Op. 27, nº 2 e nº 4 (de 1894), de **Richard Strauss** (1864-1949); “*Ecco respiro appena... Io son l’umile ancella*”, ária da protagonista do primeiro acto da ópera *Adriana Lecouvreur*, composta por **Francesco Cilea** (1866-1950) em 1902; “*Ave Maria*”, baseado no *Intermezzo* da ópera *Cavalleria rusticana*, escrita por **Pietro Mascagni** (1863-1945) em 1890; *Introduction et Rondo Capriccioso*, Op. 28, de **Camille Saint-Saëns** (1835-1921), escrita originalmente para violino e orquestra em 1863; *Aires Gitanos*, Op. 20, do violinista **Pablo de Sarasate** (1844-1908), composta em 1877; *Tzigane*, de **Maurice Ravel** (1875-1937), peça em estilo de rapsódia escrita em 1924] que, através das interpretações das irmãs Sam(o)uil, permitem ilustrar a expressividade, o virtuosismo e o brilhantismo técnico que certamente caracterizaram também as actuações do ilustre e glamoroso casal Malibran-Bériot.

Sónia Gonçalves da Silva, musicóloga

03 OUTUBRO 2024 5ªfeira

21h00 Igreja de Santa Maria

FULGOR ROMÂNTICO

Mendelssohn & Dvořák

Filipe Pinto-Ribeiro *Piano*

Xunyue Zhang *Violino*

Alfonso Pinto-Ribeiro *Violino e Viola*

João Álvares Abreu *Viola*

Geirthrudur Gudmundsdottir *Violoncelo*

Tiago Pinto-Ribeiro *Contrabaixo*

Juventus Ensemble

PROGRAMA

1ª Parte

Antonín Dvořák
(1841-1904)

Quinteto de Cordas, Opus 77

1. *Allegro con fuoco*
2. *Scherzo. Allegro vivace*
3. *Poco andante*
4. *Finale. Allegro assai*

2ª Parte

Felix Mendelssohn
(1809-1847)

Sexteto com Piano, Opus 110

1. *Allegro Vivace*
2. *Adagio*
3. *Minuetto. Agitato*
4. *Allegro vivace*

NOTAS AO PROGRAMA

A música de câmara ocupou um lugar relevante na produção de **Antonín Dvořák** (1841-1904) desde o início da sua carreira, tendo desempenhado um papel significativo em alguns momentos chave do percurso e do desenvolvimento artístico do compositor checo. O primeiro número de opus do seu catálogo corresponde, aliás, a um quinteto de cordas (de 1861). O *Quinteto de cordas, em Sol Maior, Op. 77* foi composto no início do ano de 1875 e estreado em Praga no dia 18 de Março do ano seguinte. Dvořák ocupava, então, o cargo de organista da igreja de Santo Adalberto, em Praga (função que desempenhou entre 1874 e 1877), e vivia uma fase decisiva e muito profícua da sua carreira. Catapultado pelo sucesso da estreia do hino patriótico para vozes masculinas *Dědicové bílé hory* (*Os herdeiros da montanha branca*, Op. 30), a 9 de Março de 1873, Dvořák havia-se estabelecido enquanto figura proeminente no círculo musical de Praga. O seu percurso artístico tomava novas direcções: afastando-se do caminho que antes tinha percorrido (guiado pelo modelo da “nova escola alemã”), o compositor procurava um novo classicismo no tratamento musical da forma e do conteúdo, com recurso a elementos do folclore eslavo. [Por influência de

Johannes Brahms (1833-1897) – com quem Dvořák construiu, a partir de 1877, uma genuína e estreita amizade – as suas obras haveriam de começar a ser tocadas e publicadas no estrangeiro (sobretudo a partir de 1878), passando o compositor a ser visto como o herdeiro da tradição de Bedřich Smetana (1824-1884) e, consequentemente, como uma voz respeitada no contexto do nacionalismo musical checo.] Uma das particularidades do Quinteto de cordas, em Sol Maior, Op. 77 é o facto de contemplar uma linha de contrabaixo (em vez dos mais habituais segunda viola ou segundo violoncelo), o que confere maior profundidade à textura, permitindo que o violoncelo ganhe maior preponderância lírica. Embora originalmente escrito em cinco andamentos – a obra continha um andamento lento, Andante religioso, adaptado a partir de uma obra anterior e posteriormente publicado, separadamente, como Nocturne, Op. 40 – a versão considerada definitiva deste quinteto (de 1888) conta com quatro andamentos: o primeiro, o enérgico *Allegro con fuoco*, respeita o modelo formal da forma sonata; no Scherzo que se segue, em forma tripartida, é possível detectar traços rítmicos de influência eslava; o terceiro andamento, *Poco andante*, destaca-se



pelo lirismo melódico conferido à linha do primeiro violino; a obra termina com o *Allegro assai*, número pleno de vigor e entusiasmo.

Também o compositor alemão **Felix Mendelssohn** (1809-1847) dedicou desde cedo a sua atenção ao género música de câmara. Com efeito, os primeiros quatro opus do seu catálogo correspondem a quatro obras de câmara (três quartetos com piano e uma sonata para violino e piano, compostas entre 1822 e 1825). O **Sexteto, Op. 110** data desta época. Ainda que somente publicado postumamente, em 1868, foi escrito em 1824, quando o jovem compositor prodígio, ainda que com apenas quinze anos de idade, contava já com uma sólida formação musical, que recebeu do ilustre professor berlinense Carl Zelter (1758-1832). Tal como em outras obras compostas no mesmo ano (como a *Sinfonia Nº 1*, Op. 11 e, muito particularmente, a obra *Harmoniemarken*, Op. 24, para onze instrumentos de sopro), também

na partitura do sexteto é notória uma mudança na abordagem estilística de Mendelssohn, que começava a assimilar na sua linguagem – marcada, até então, pela ascendência do contraponto de J. S. Bach (1685-1750) e da clareza formal de Wolfgang Amadeus Mozart (1756-1791) – as influências de Ludwig van Beethoven (1770-1827) e Carl Maria von Weber (1786-1826). Escrito para violino, duas violas, violoncelo, contrabaixo e piano (instrumentação curiosa devido à invulgaridade da opção pelas duas violas), verifica-se um claro protagonismo do instrumento de teclas ao longo de praticamente todo o sexteto, quase como se de um concerto (de câmara) para piano se tratasse. A obra tem quatro andamentos, destacando-se, do ponto de vista formal, o recurso ao procedimento de recapitulação temática no *Allegro vivace* final, onde o compositor reintroduz elementos do *Menuetto*, unificando deste modo os dois últimos andamentos da peça.

Sónia Gonçalves da Silva, musicóloga



Foto: Rita Carmo

**04 OUTUBRO 2024 6ªfeira****21h00** Teatro Municipal de Bragança**CARTA BRANCA***A Ant3nio Victorino d'Almeida*Ant3nio Victorino d'Almeida *Piano*Ana Maria Pinto *Soprano*Marina Pacheco *Soprano*Crist3v3o Luiz *Piano*Olga Amaro *Piano***PROGRAMA**

Ant3nio Victorino d'Almeida 5 Can33es sobre Nat3lia Correia

(1940-)

1. Aviso sobre Nat3lia Correia
2. Fiz um conto para me embalar
3. A Primavera
4. Nocturno
5. Can33o entregue ao nada

Dois Sonetos de Cam3es

1. Aquela triste e leda madrugada
2. Correm turvas as 3guas deste rio

Balada, Opus 126, para piano a quatro m3os

Fic33es do Interl3dio, Opus 26 (Poemas de Fernando Pessoa)

1. Plenil3nio
2. Saudade dada
3. Pierrot B3bado
4. Minuete Invis3vel
5. Hiemal

2 Can33es de Andr3 Heller, Opus 49
para duas vozes e dois pianosNOTAS AO PROGRAMA

A primeira vez que eu toquei em frente de um p3blico, ainda que obviamente bastante restrito, foi em casa da minha primeira aut3ntica professora de piano: Marina Dewander Gabriel, amiga de inf3ncia da minha m3e – e ambas alunas, em tempos passados, de Francisco de Lacerda.

Eu tinha na altura seis anos de idade, e lembro-me de ver sentados na primeira fila de cadeiras alinhadas na sala da Marina dois senhores em rela33o aos quais me recomendaram, muito especialmente, que deveria portar-me com todo o poss3vel ju3zo, o que tamb3m implicaria que tentasse tocar o melhor que estivesse ao meu alcance...

No final, quando as pessoas se levantaram, verifiquei que um dos senhores era muito alto, ao contr3rio do outro, que me pareceu bastante baixo: o primeiro era Lu3s de Freitas Branco e o segundo Viana da Mota... Lembro-me de que estiveram a falar com os meus pais, mas s3 muito mais tarde penso ter percebido o sentido daquilo que ter3o dito. Mas foi a3, efectivamente, que tudo come3ou. Anos mais tarde, estreei-me efectivamente a tocar, perante uma esp3cie de plateia, numa festa organizada na casa do Concelho de Gouveia, em Lisboa. N3o tenho, que me lembre, qualquer tipo de rela33o

especial, nomeadamente familiar, com Gouveia e nunca mais voltei 3 casa que representa a cidade beir3 na capital, ignorando igualmente o nome da rua...

Isto passou-se, concretamente, h3 setenta anos, e lembro-me de que l3 toquei, entre outras pe3as, um Nocturno de Chopin, a "Aragonesa" de Massenet, uma tocata de Sousa Carvalho, uma pequena obra de Debussy, para al3m de uma turbulenta pe3a de minha autoria acerca do her3i Viriato, figura particularmente venerada pelos meus simp3ticos anfitri3es...

Depois disso, recordo muito particularmente os minutos passados numa semi-obscuridade, atr3s de uma porta pintada de branco, no Conservat3rio da Rua dos Caetanos, edif3cio hist3rico para a Cultura Portuguesa que 3 imperioso preservar, tais e tantos s3o os grandes nomes que a ele estiveram – e sempre e continuar3o – intrinsecamente ligados. Fazem parte da Hist3ria.

Essa foi a primeira vez que eu pisei um verdadeiro palco e me confrontei com uma aut3ntica plateia; mas a minha verdadeira estreia foi efectivamente num estrado montado na Casa do Concelho de Gouveia, em Lisboa, tal como se v3 numa fotografia em que apare3o rodeado de venerandos anci3os.



Setenta anos passados, sempre que olho para essa fotografia – que os meus pais preservaram, encaixilhada, em cima de uma estante da sala –, tento recordar-me daquilo que me passaria pela cabeça, durante esse momento. pois recordo que, nessa altura, ainda admitia muito a sério a possibilidade de vir mais tarde a ser zoólogo, ou talvez, também, historiador...

A homenagem sonora que ali estava a desenvolver – em relação à figura de Viriato – associava-se mais claramente a essa segunda possibilidade, não tanto em função dos seus feitos bélicos contra os romanos, mas por ser uma figura que também se associava à natureza e que até se dizia – num livro que eu lera tempos atrás – que sabia lidar com os lobos, usando as alcateias enfurecidas para dificultar a vida às legiões invasoras...

A música do Viriato – que eu estaria talvez a tocar no momento em que fui fotografado – seria destinada a um poema sinfónico que acabei por nunca escrever, ainda que não tenha esquecido alguns dos temas principais. Um deles, inclusivamente, seria, décadas mais tarde, utilizado na minha primeira peça de câmara, um septeto a que dei o nome de “A Vida de um não-herói”, numa inegável alusão ao famoso poema sinfónico (alegadamente de teor autobiográfico) de Richard Strauss: “A Vida de um Herói”...

Richard Strauss foi alguém cuja obra lhe permite afirmar-se cada vez mais como um dos maiores génios da música de sempre. E quanto a isso, não tenho dúvidas. Mas haveria necessidade de se auto-definir como “herói”?...

Mais tarde, o meu professor de composição, Joly Braga Santos, explicou-me que a palavra “herói” teria ali outro sentido, não necessariamente conotado com auto-elogio...

Assim mesmo, insisti, anos mais tarde, na expressão de algum modo provocatória de “não-herói”, ao escolher o título para meu septeto, cujo tema inicial servira para que – vão agora setenta anos... – eu esboçasse, mais ou menos de improviso, uma homenagem a alguém que a História viria a classificar como herói, embora não nacional, pois ainda não existia por aqueles lados qualquer nação encarável como tal...

Esse meu septeto foi estreado e gravado pelo quinteto de sopros da Ópera de Berlim, juntamente com um pianista e um xilofonista, e nunca foi tocado em Portugal... – algo que também se passa com as minhas duas canções sobre poemas de André Heller, que serão interpretadas neste concerto, e, até certo ponto, com as canções sobre poemas de Natália Correia... –, mas também ainda só se passaram 52 anos...

António Victorino d'Almeida



Bragança ClassicFest 2023
Teatro Municipal de Bragança
Foto: Rita Carmo

05 OUTUBRO 2024 Sábado
21h00 Teatro Municipal de Bragança

INTEGRAL SINFONIAS DE BEETHOVEN

Sinfonias 6 & 8

Orquestra Sinfónica de Paris “Consuelo”
Victor Julien-Laferrrière *Direcção Musical*

PROGRAMA

1ª Parte

Ludwig van Beethoven
(1770-1827)

Sinfonia Nº 8, Opus 93

1. *Allegro vivace e con brio*
2. *Allegretto scherzando*
3. *Tempo di Menuetto*
4. *Allegro vivace*

2ª Parte

Ludwig van Beethoven

Sinfonia Nº 6, “Pastoral”, Opus 68

1. “Despertar de sensações agradáveis ao chegar ao campo”: *Allegro ma non troppo*
2. “Cena à beira do regato”: *Andante molto moto*
3. “Feliz reunião de camponeses”: *Allegro*
4. “Trovoada, tempestade”: *Allegro*
5. “Canto dos pastores. Sentimentos de satisfação e de reconhecimento depois da tempestade”: *Allegretto*

NOTAS AO PROGRAMA

O conjunto das nove sinfonias de **Ludwig van Beethoven** (1770-1827) configura-se como uma colecção fundamental da História da Música Ocidental, profunda e decisivamente influente no rumo do Romantismo oitocentista. Partindo da tradição clássica vienense [mais do modelo sinfónico de Joseph Haydn (1732-1809) do que do molde de Wolfgang Amadeus Mozart (1756-1791)], o compositor alemão suplantou o conceito do género e transformou as suas sinfonias em soluções individuais. Ao longo da sequência das nove sinfonias, é possível detectar, entre outros aspectos, a expansão do conteúdo e da forma, a substituição do habitual minuete pelo *scherzo* e o crescimento do efectivo orquestral (Beethoven usou três trompas na terceira sinfonia; flautim, contrafagote e três trombones na quinta; quatro trompas, triângulo, pratos e bombo na nona). Por outro lado, o compositor promoveu também a incorporação de conteúdo extramusical, conforme se verifica na **Sinfonia Nº 6, “Pastoral”, Op. 68**. Escrita no Verão de 1808 (durante a estadia de Beethoven na pequena localidade de Heiligenstadt, nos arredores de Viena), a obra seria estreada alguns meses depois, em Viena, num concerto realizado no dia

22 de Dezembro do mesmo ano (ocasião em que Beethoven apresentou, também em primeira audição, o *Concerto para piano Nº 4*, Op. 58 e a *Sinfonia Nº 5*, Op. 67). Cada um dos cinco andamentos que compõem a sinfonia é acompanhado por uma inscrição programática explícita (evocando cenas da vida campestre e o lado idílico da vivência em harmonia com a Natureza), ainda que Beethoven procure mais a expressão do sentimento do que a descrição pictórica de tais referências no seu discurso musical. O primeiro andamento, escrito em forma sonata, evoca, num relato animado, sensações vivenciadas à chegada ao campo; no *Andante molto moto* que se segue (*Cena à beira do regato*) são introduzidas (no final do andamento) referências estilizadas ao canto de aves como o rouxinol, a codorniz e o cuco (através da flauta, do oboé e do clarinete, respectivamente); ao terceiro andamento, de carácter festivo e dançante, segue-se um andamento suplementar relativamente ao esquema tradicional da sinfonia clássica, onde é descrita uma violenta tempestade (anunciada nas figurações retumbantes nas cordas graves e no *tremolo* do timbale em fortíssimo); ultrapassada a tormenta, o *Allegretto*



final parece confirmar a paz de espírito prometida desde o início da obra. Concluída no final do ano de 1812, a primeira apresentação pública da *Sinfonia Nº 8, Op. 93* haveria de acontecer no dia 27 de Fevereiro de 1814, em Viena, sob a batuta do próprio compositor (apenas cerca de dois meses e meio depois da estreia da *Sinfonia Nº 7, Op. 92*, no dia 8 de Dezembro de 1813). Ainda que acolhida de forma relativamente calorosa, a oitava sinfonia não conseguiu ultrapassar o impacto da forte impressão causada pela sua predecessora junto da crítica, eventualmente alheia ou pouco sensível à subtilidade com que Beethoven continuava a reformular convenções sinfónicas. Escrita na tonalidade de Fá Maior (tal como a sexta sinfonia), a oitava é uma das mais alegres sinfonias das nove que Beethoven escreveu. De facto, do ponto de vista do seu carácter, a obra parece resultar num enorme *scherzo*, cuja índole Beethoven expandiu de forma a abranger toda a sinfonia. A partitura evidencia-se pela sua leveza e humor requintado, transbordando uma graça

e uma sagacidade quase “haydnianas”. Tem quatro andamentos e apresenta uma estrutura formal extremamente condensada (quando comparada com as proporções da sétima, a oitava poderá parecer quase miniatura). O primeiro andamento, escrito em forma sonata (sem introdução lenta), encontra o seu *climax* dramático no início da reexposição; o segundo andamento contraria expectativas pelo facto não se apresentar como o típico número lento, salientando-se antes pelo seu carácter vivo e bem-humorado; ao terceiro andamento, irónica e inesperadamente assinalado como *Tempo di Menuetto* (em detrimento do *scherzo* então habitual), segue-se o *Allegro vivace* final, cuja coda ocupa praticamente metade da duração de todo o andamento. Após a conclusão da oitava sinfonia, Beethoven não voltaria a abordar o género sinfónico nos cerca de doze anos seguintes, ao cabo dos quais surgiria com o seu mais exímio contributo para o mesmo, a *Sinfonia Nº 9, Op. 125*.

Sónia Gonçalves da Silva, musicóloga



Bragança ClassicFest 2023
Teatro Municipal de Bragança
Foto: Rita Carmo

06 OUTUBRO 2024 Domingo
17h00 Igreja de São Francisco

A MÚSICA DA LÍRICA DE CAMÕES

Díptico 500 anos de Camões

Concerto Atlântico

Pedro Caldeira Cabral

Direcção Musical, viola tiple de arco, descante e flautas

Maria Repas Gonçalves

Soprano, tambor e pandeireta

Susana Moody

Contralto, violas tiple e baixa de arco e tambor

Nina Repas Gonçalves

Viola baixa de arco

Joaquim António Silva

Viola tenor de arco, alaúde e viola de mão

Duncan Fox

Viola contrabaixa de arco e atabaque

PROGRAMA

Luís de Camões
(1524-1580)

Quem ora soubesse
Senhora pois me chamais

António de Macedo
(ca. 1525-1600)

Tento a 4 em Ré

Luís de Camões

Foy-se gastando a esperança
Descalça vai pera a fonte

António Carreira
(1530-1589)

Canção a 4 glosada

Luís de Camões

Que vistes meus olhos?
Lágrimas de Saudade
Pastora da Serra da Estrela
Irme quero Madre
Minina dos olhos verdes

D. Heliodoro de Paiva
(ca. 1502-1552)

Tento do V Tom

Luís de Camões

Partir não m'atrevo
Não sei se me engana Helena
Verdes são os campos

António Carreira

Tento a 5 sobre cantus firmus

Luís de Camões

Na fonte está Lianor
Quem disser que a barca pende
Ó meus altos pensamentos

NOTAS AO PROGRAMA

Luís de Camões (1524-1580), por todos considerado uma figura ímpar da cultura portuguesa e um dos grandes poetas do renascimento europeu, foi igualmente personalidade controversa, crítico da sociedade do seu tempo, viajante aventureiro, soldado, pensador e, muito possivelmente, cantor e músico também. Esta faceta, menos conhecida hoje (apesar de já apontada por João de Freitas Branco no seu ensaio *“A Música na obra de Camões”*), é sugerida pelas inúmeras referências a práticas musicais na sua obra poética e em especial à particular minúcia descritiva das qualidades do canto: a voz rouca, a voz sussurrante, as dimensões de intensidade e timbre, próprias de quem conheceu de perto a prática vocal, os cantos de trabalho, o canto distractivo, os celebrados versos de sonetos em que

diz *“Eu cantei já, agora vou chorando”* ou *“Quem canta seus males espanta”*, etc. Entre os costumes educativos dos fidalgos em uso no tempo de Camões, compilados no famoso livro *Il Cortegiano*, de Baldesar Castiglione, contavam-se as práticas da equitação, da esgrima, da caça e das artes, como o teatro, a dança, a música instrumental, o canto e a poesia, sendo que estas últimas, desde a Antiguidade, se consideravam inseparáveis e que em Castiglione as encontramos com a referência explícita da prática corrente de cantar acompanhado de quatro ou cinco violas de arco. No caso de Portugal em concreto, existia uma forte tradição poético-musical secular palaciana desde o período trovadoresco (séculos XIII/XIV), retomada com intensidade a partir da

segunda metade do século XV. É neste contexto que devemos inserir a produção lírica camoniana, à qual tem faltado nos tempos modernos a dimensão musical que a acompanhava na origem, com a devida instrumentação, de acordo com as fontes literárias e musicais desse período. Com a descoberta nos anos 1980/90 de quatro novos cancioneiros peninsulares, contendo poesia e música polifónica secular dos séculos XV, XVI e XVII, tendo algumas das peças os versos do nosso maior poeta do renascimento, foi possível iniciar a reconstrução da dimensão musical da produção lírica de Camões, seguindo de perto uma prática por ele próprio enunciada à cabeça de alguns dos seus versos: a da *música contrafacta*. Expliquemos: na época de Camões, tal como ainda hoje em dia sucede, a uma

mesma base musical os poetas aplicavam diferentes textos e esta é provavelmente uma das razões para que tanta da produção lírica do século XVI chegasse até nós sem música, apesar de muitos destes poemas se basearem em “cantos velhos” ou “cantiga de todos sabida” como nos indicam os editores de Gil Vicente, de Sá de Miranda, de Bernardes, de Camões e de Andrade de Caminha, entre outros. É essa lacuna que procuramos suprir, ao seleccionarmos para este programa um conjunto de poemas escritos por Camões, com músicas provenientes de cancioneiros ibéricos, às quais juntamos de forma intercalar, algumas peças da produção instrumental bem conhecida na época em que o poeta viveu.

Pedro Caldeira Cabral

**08 OUTUBRO 2024 3ªfeira****21h00** Igreja de Santa Maria

A ARTE DO DUO

Beethoven & Schostakovich

Victor Julien-Laferrrière *Violoncelo*Filipe Pinto-Ribeiro *Piano*

DSCH - Schostakovich Ensemble

PROGRAMA

Ludwig van Beethoven
(1770-1827)**Sonata Nº 3, Opus 69**

1. *Allegro, ma non tanto*
2. *Scherzo. Allegro molto – Trio*
3. *Adagio cantabile – Allegro vivace*

Dmitri Schostakovich
(1906-1975)**Sonata Opus 40**

1. *Allegro non troppo – Largo*
2. *Allegro*
3. *Largo*
4. *Allegro*

NOTAS AO PROGRAMA

Foi na segunda metade do século XVIII que o violoncelo começou a libertar-se da função de acompanhamento e suporte harmónico (baixo-contínuo) que habitualmente lhe era atribuída.

O violoncelo afirmava-se, pois, cada vez mais enquanto um instrumento solista, encontrando-se entre os principais virtuosos da época os violoncelistas Luigi Boccherini (1743-1805) ou os irmãos Jean Louis Duport (1749-1819) e Jean Pierre Duport (1741-1818), que, como outros, ajudaram a ampliar repertório e a desenvolver a técnica de execução do instrumento. No âmbito do género camerístico, as primeiras obras de primeira linha haveriam de surgir, *grosso modo*, apenas no início do século XIX: nem Joseph Haydn (1732-1809) nem Wolfgang Amadeus Mozart (1756-1791) tinham escrito nenhuma sonata para violoncelo; **Ludwig van Beethoven** (1770-1827), por sua vez, compôs cinco, e logo nas duas primeiras (Op. 5, números 1 e 2; de 1796), o compositor alemão conferiu ao violoncelo um estatuto de igualdade – até então sem precedentes – relativamente ao piano. A composição da **Sonata Nº 3, Op. 69** decorreu entre os anos de 1807 e 1808, encontrando-se, portanto, compreendida na segunda fase criativa do compositor (período intermédio, entre 1802 e 1812). A partitura foi publicada no fecundo

ano de 1809, em Leipzig (pela mesma ocasião foram também dadas à estampa a *Sinfonia nº 5*, Op. 67, a *Sinfonia Nº 6*, “Pastoral”, Op. 68 e os trios com piano, Op. 70) e dedicada ao barão Ignaz Freiherr von Gleichenstein (1778-1828), violoncelista amador e amigo próximo de Beethoven.

A obra é composta em três andamentos (sem contemplar um verdadeiro andamento lento): o *Allegro, ma non tanto* inicial é construído a partir do solo do violoncelo com que começa o número, ficando imediatamente clara, com a entrada do piano, a organicidade da relação que os dois instrumentos irão estabelecer entre si ao longo de toda a obra; o enérgico *scherzo* que se segue destaca-se pelo tratamento sincopado concedido ao discurso melódico; o último andamento inicia-se com uma curta secção lenta, de apenas dezoito compassos (*Adagio cantabile*), e culmina no espirituoso e extrovertido *Allegro vivace* final, escrito em forma sonata.

Autor de uma ampla e variada produção musical, **Dmitri Schostakovich** (1906-1975) é particularmente recordado pelas suas quinze sinfonias e pela sua música de câmara (sobretudo pelo seu incontornável conjunto de quinze quartetos de cordas). Após o êxito da estreia da sua primeira sinfonia em



1926 – que proporcionou ao compositor russo sucessivas honras e encomendas do governo soviético – envolveu-se principalmente na produção de música de cunho dramático: compôs duas óperas, vários bailados, música de cena para teatro e partituras para cinema. No início da década de trinta, Schostakovich voltou a dedicar a sua atenção à composição de música instrumental (designadamente aos géneros que lhe permitiam rentabilizar a sua dupla condição de compositor e intérprete/pianista), apresentando uma série de três obras que não tardariam a entrar para o repertório: os *Vinte e quatro prelúdios para piano*, Op. 34, o *Concerto para piano*, Op. 35 e a *Sonata para violoncelo e piano*, Op. 40, que encerrará o presente recital. Composta em 1934 (dois anos antes do ataque de que Schostakovich foi alvo durante a purga estalinista de 1936, na sequência do artigo do Pravda – jornal então convertido em órgão oficial de propaganda – sobre a ópera *Lady Macbeth*, Op. 29, corrompida, aos

olhos do regime, por «decadentismo burguês»), a obra foi dedicada ao violoncelista Viktor Kubatsky (1891-1970), que a estreou no dia 25 de Dezembro do mesmo ano, em Leningrado, acompanhado ao piano pelo próprio compositor. Escrita em quatro andamentos, a sonata revela um idioma relativamente conservador, surpreendendo, do ponto de vista formal, pela repetição da exposição do primeiro andamento (num gesto de rigoroso cumprimento do modelo clássico da forma sonata). O segundo andamento, à maneira de um *scherzo*, destaca-se pelo dinamismo conferido ao tratamento do ritmo, num registo *quasi moto perpetuo*; ao terceiro andamento, de carácter elegíaco, segue-se o *Allegro* final, um rondó conduzido maioritariamente pela linha do piano, marcada por passagens atléticas onde o sarcasmo e o grotesco encontram lugar.

Sónia Gonçalves da Silva, musicóloga



Bragança ClassicFest 2023
Igreja de São Francisco
Foto: Alice do Carmo

**10 OUTUBRO 2024 5ªfeira****21h00** Igreja de São Francisco

AMOR E TRAGÉDIA NAS VIAGENS DE CAMÕES

Díptico 500 anos de Camões

Sete Lágrimas

Filipe Faria e Sérgio Peixoto *Direcção Artística*Filipe Faria *Voz, viola de mão de quatro ordens, adufe*Sérgio Peixoto *Voz*Tiago Matias *Vihuela, guitarra barroca, guitarra romântica, tiorba*Juan de la Fuente Alcón *Percussão*

PROGRAMA

“Tin-Nam-Men ou a Gruta de Patane”

Amor e tragédia nas viagens de Camões

O dia de hoje

Quanto mais pode a fé que a força humana*Os Lusíadas, Canto III, Est. 111, Luís Vaz de Camões (c. 1524/1525-1580)*1. *Na fonte está Lianor, Villancico anónimo (s. XVI)*2. *Senhora del mundo, Vilancico anon. (s. XVI)*3. *Endechas a Bárbara escrava, Filipe Faria e Sérgio Peixoto sobre Luiz Vaz de Camões (c.1524-1579/1580)*

A partida

Que, nos perigos grandes, o temor é maior muitas vezes que o perigo*Os Lusíadas, Canto IV, Est. 29, Luís Vaz de Camões (c. 1524/1525-1580)*4. *Fandango, Tiago Matias (n. 1979)*5. *Hashivenu (liturgia tradicional judaica)*

A viagem

E à terra que se não deixa salgar, que se lhe há-de fazer?*Sermão de Santo António aos Peixes, 1654, Pe. António Vieira (1608-1697)*6. *Amor loco, Filipe Faria e Sérgio Peixoto sobre anónimo (s.XVI)*7. *Folia, Gaspar Sanz (ca.1640-1710)*8. *A força de cretcheu, Eugénio Tavares (1867-1930)***Acabemos de nos desenganar, antes que se acabe o tempo.***Sermão de Dia de Ramos, 1656, Padre António Vieira (1608-1697)*9. *Variação sobre Seguiriya, Trad. Andaluzia/Juan de la Fuente Alcón*10. *Tarantella, Trad. (Itália), arr. Tiago Matias*11. *Pues que veros, Filipe Faria e Sérgio Peixoto sobre texto de vilancico anónimo (s. XVI)*

A permanência

E quando foi ao p.ro de abril desaparecemos de Malaqua [Macau] e asy fomos ao longuo da costa até a Ilha q se chama pulo pisão onde estiuemos de todo perdidos com hũa muj.to grande trouoadã q nos deu e em tanta man. ra q se noso snõr não fora seruido de se faser a vella em pedaços acabada era a viagem com a vida de nos todos.*Peregrinação, 1614, Fernão Mendes Pinto (c.1509-1583)*12. *Es tan grave mi tormento, Filipe Faria e Sérgio Peixoto sobre Pêro de Andrade Caminha (1520-1589)*13. *Bastiana, Tradicional (Macau/China)*14. *Ko le le mai, Tradicional (Timor)***E conhecendo hum daquelles, que como mayoral ou mestre da musica gouerna os outros, o Gaspar de Meirelez, lançou mão por elle para tanger, & metendolhe na mão hũa viola lhe disse, rogote que cantes o mais alto que pudes, porque te ouça este defunto q aquy leuamos, porque te affirmo que vay muyto triste pela saudade que leua de sua molher & de seus filhos a que em estremo era affeiçoado (...)***Peregrinação, 1614, Fernão Mendes Pinto*15. *Takeda no komoriuta, Tradicional (Japão)*16. *Meu bem bê à bá, Trad (Idanha-a-Nova)*



NOTAS AO PROGRAMA

O presente programa tem como mote os amores, reais ou lendários, de Luís de Camões por uma jovem chinesa, durante a estada do poeta em Macau. A crer no relato histórico (conquanto não se saiba se ele foi, já então, ficcionado), os sentimentos que os uniam eram fortes, ao ponto da jovem ter acompanhado o poeta na viagem deste de regresso a Goa. Acontece que a embarcação naufragou junto ao delta do rio Mekong (sul do Vietname) e a jovem acabou por perecer nesse naufrágio. Ela está por isso ligada ao famoso episódio em que Luís de Camões, tentando salvar-se, mantém ao mesmo tempo um braço levantado, segurando a saca onde trazia o manuscrito d'Os Lusíadas! Chamava-se esta jovem Tin-Nam-Men, nome que tem uma curiosa semelhança com 'Tiananmen', topónimo que, como sabemos, significa 'Porta da Paz Celestial' ou 'Porta da Pacificação Celestial' – e, pesem as diferenças linguísticas Pequim/Cantão, o nome dela significaria algo de parecido. Certo é que o seu nome foi vertido como Dinamene, o que a identificou com a ninfa marinha da Ilíada homérica, identificação esta provavelmente póstuma, por via de ter Tin-Nam-Men morrido afogada. O nome dela surge associado – e assim imortalizado – a dois sonetos do poeta:

'Ah! Minha Dinamene!' e 'Quando de minhas mágoas' e é evocado na redondilha *Sôbolos* rios que vão, esta de cariz elegíaco pela sua morte'. Contextualizando: Camões esteve em Macau, crê-se que entre 1563 e 1565, ou seja, uma mera década após o estabelecimento dos primeiros portugueses na península² que viria a ser possessão portuguesa até 20 de Dezembro de 1999. Camões já estava no Oriente desde o Outono de 1553³ e, baseado em Goa, ali desempenhou o seu ofício primeiro, o de soldado, ao serviço da Armada do Índico, com a qual percorreu a maior parte das costas desse oceano. Foi para Macau desempenhar um cargo administrativo e ali ficou associado à Gruta de Patane (hoje, parte do Jardim Luís de Camões), onde, reza a história, terá escrito boa parte do seu poema épico⁴. O programa do agrupamento Sete Lágrimas empreende uma evocação dessa longa estada de Camões no Oriente e cruza-a com uma panorâmica da disseminação portuguesa por essas partes do mundo, desde Moçambique até ao Japão e a Timor. Ao mesmo tempo, incorpora o que seria a mundivisão de Camões quando partiu rumo à Índia, impregnada das músicas populares do seu país, das músicas de corte, e das culturas e tradições

mediterrânicas, incluindo as de matriz muçulmana e sefardita. Temos por isso a presença tutelar de excertos dos 'Lusíadas', mas que coexistem com pedaços dos 'Sermões' do Padre António Vieira – outra figura maior da nossa cultura que viveu a maior parte da vida fora de Portugal (e da Europa) – e com passagens da famosa 'Peregrinação', de Fernão Mendes Pinto. A componente musical intenta captar o que seria a 'sonovisão' de Camões, da época em que viveu, dos lugares por onde passou e dos ambientes que frequentou.

É assim que ouviremos, desde logo, vilancicos: um género musical (profano e, sobretudo, religioso) endógeno da Península Ibérica, que gozou de enorme popularidade até ao início do séc. XVIII, aí se individualizando os 'vilancicos negros', cujo texto procurava imitar a pronúncia do português (ou do castelhano, ou do latim) pelos escravos negros trazidos para a Europa ou levados para o Brasil/a América, sendo que também a música incorporava alguns aspectos das suas práticas musicais. Os que hoje ouviremos provêm de arquivos ou foram reconstruídos 'ex novum' por Filipe Faria e Sérgio Peixoto. Aquele intitulado 'Minina dos olhos verdes' é uma referência à nossa Tin-Nam-Men, que, segundo consta, teria uns lindos olhos dessa cor. Também

ouviremos romances (de tema amoroso ou mais narrativo), incluindo os da tradição sefardita peninsular; cantos religiosos; músicas populares do espaço mediterrânico (Andaluzia, Reino de Nápoles); e temas da música tradicional de Goa, Macau, Timor e Japão. Um retrato-re lance, enfim, dos complexos e multicontinentais processos de aculturação, miscigenação (étnica e cultural), sincretismo e multiculturalismo que se produziram na vigência do Império Português e das várias diásporas que no seu interior ocorreram. Hoje já lá vai o Império, mas esses processos continuam, férteis, inventivos e enriquecedores como sempre.

Notas

- 1 - o nome dela é referido por Diogo do Couto (c. 1542-1616), amigo do poeta, historiador e guarda-mor da Torre do Tombo de Goa, mas não há certeza se se trata de um relato histórico fidedigno ou da fixação por escrito de uma fantasia poética de Camões;
- 2 - a presença regular de portugueses nas costas da China dá-se a partir de 1513, com Jorge Álvares;
- 3 - considerando que Camões só regressaria à metrópole em Abril de 1570 e tomando os anos que esteve nas praças portuguesas em Marrocos (mormente Ceuta), ele passou mais de metade da sua vida adulta fora de Portugal continental!
- 4 - na verdade, Camões deverá ter concebido o seu poema logo desde a longa viagem para a Índia e adiantado a sua redacção quando em Goa.

Bernardo Mariano, musicólogo

**11 OUTUBRO 2024 6ªfeira****21h00** Teatro Municipal de Bragança

QUADROS DE UMA EXPOSIÇÃO

Em Memória de Mega Ferreira

Filipe Pinto-Ribeiro *Piano*Filipa Leal e Pedro Lamares *Leituras*

PROGRAMA

Modest Mussorgsky
(1839-1881)

Quadros de uma Exposição

Em memória de Viktor Hartmann

Promenade

1. *Gnomus*

2. *Il Vecchio Castello*

3. *Tuilleries (Dispute d'enfants après jeux)*

4. *Bydlo*

5. *Bailado dos passarinhos dentro das suas cascas*

6. *Samuel Goldenberg und Schmuyle – Promenade*

7. *Limoges. Le marché (La grande nouvelle)*

8. *Catacombæ (Sepulcrum romanum)*

Con mortuis in lingua mortua

9. *A cabana sobre patas de galinha (Baba-Yaga)*

10. *As Grandes Portas*

(Na Capital da antiga Rússia, Kiev)

PROGRAMA (cont.)

António Mega Ferreira
(1949-2022)

Antologia de textos

Escolhas de:

Marcelo Rebelo de Sousa: de *Roma – Exercícios de Reconhecimento* (ensaio, 2003)

Duarte Azinheira: de *Uma Caligrafia de Prazeres* (crónicas, 2003)

Filipa Leal e Pedro Lamares: de *Amor* (novela, 2002)

Filipe Pinto-Ribeiro: de *Retratos de Sombra* (biografia, 2002)

Graça Morais: de *Os Olhos Azuis do Mar* (ensaio, 2005)

Guilherme d'Oliveira Martins: de *Crónicas Italianas* (ensaio, 2021)

Inês de Medeiros: de *Roteiro Afetivo de Palavras Perdidas* (memória, 2022)

João Paulo Velez: de *Padrões de Voo* (poesia, 2019)

de *O Que Há-de Voltar a Passar* (narrativa, 2003)

José Carlos de Vasconcelos: de *Crónicas no Jornal de Letras* (2020)

José Manuel dos Santos: de *Lisboa Song* (narrativa, 2009)

Margarida Pinto Correia: de *Os Princípios do Fim* (poesia, 1992)

Patrícia Reis: de *A Expressão dos Afectos* (contos, 2001)

Simonetta Luz Afonso: de *Roma – Exercícios de Reconhecimento* (ensaio, 2003)

NOTAS AO PROGRAMA

António Mega Ferreira foi um homem ímpar, imenso, intenso, e assim permanece em nós, nos que fomos, e somos, tocados pela sua vida e pela sua obra.

Conheci-o após a extraordinária Expo'98 – de que foi mentor e artífice –, num projecto de cruzamento entre a literatura e a música que levámos a palco na Culturgest. O António escolheu e leu passagens d'*A la recherche du temps perdu*, de Marcel Proust, e eu toquei os dois cadernos d'*Images*, de Claude Debussy. Foi o primeiro de muitos contrapontos!

Relembro, desde logo, o Ciclo Schostakovich que programámos em 2006, no início do extraordinário legado que nos deixou, também, à frente do Centro Cultural de Belém. Na altura, aquando do centenário do nascimento do compositor russo, toquei a integral dos seus 24 Prelúdios e Fugas Opus 87, em estreia portuguesa, e programámos ainda várias obras de referência, entre as quais o ciclo de canções sobre poemas de Michelangelo, que o António cita brilhantemente no final da biografia de Schostakovich no seu livro "Retratos de Sombra". Igualmente inesquecível,



o Ciclo Sofia Gubaidulina, também no CCB que, em 2011, trouxe pela primeira vez a Portugal a grande compositora russa, no seu 80º aniversário...

Mais tarde, no Porto, voltámos a cruzar-nos em palco, numa sessão do ciclo “Quintas de Leitura”, em que António Mega Ferreira foi o convidado de honra. Desafiou-me para mais um contraponto

entre a literatura e a música e, após a sua inspirada leitura de poemas de Jorge de Sena, toquei Mozart, Chopin, Piazzolla... A Filipa Leal e o Pedro Lamares também partilharam nessa noite o palco do Teatro do Campo Alegre, lendo poemas escolhidos pelo António. E agora, em 2024, voltamos os três ao palco nesta ocasião para honrar o nosso querido amigo!



foto: Rita Carmo

Festival de Música dos Capuchos, 20 de Junho de 2021
Conversa dos Capuchos - 700 anos da morte de Dante
António Mega Ferreira, Jorge Vaz de Carvalho e Carlos Vaz Marques

Pensei várias vezes de que forma poderíamos homenagear António Mega Ferreira e um dia lembrei-me da nossa primeira conversa, em que falamos sobre *Quadros de uma Exposição*, magnífica obra de Mussorgsky que o António apreciava especialmente na gravação do lendário pianista russo Sviatoslav Richter. Disse-lhe que tinha gravado os *Quadros* no último ano dos meus estudos em Moscovo, em 2000, e enviei-lhe o CD, no qual imediatamente identificou a influência de Richter... *Quadros de uma Exposição* tem um

subtítulo, no manuscrito original, a maioria das vezes oculto nos programas de concertos e CD: “Em memória de Viktor Hartmann”. Grande amigo de Mussorgsky, Hartmann foi um destacado pintor e arquitecto russo, tendo a sua morte causado no compositor um choque profundo – terá sido a exposição póstuma de obras de Hartmann em São Petersburgo, em 1874, a inspirar Mussorgsky na composição desta obra-prima em que recria a sua experiência pessoal num circuito imaginário pela galeria onde

estariam expostas as obras do seu amigo, aventurando-se numa extraordinária reflexão musical sobre a dialéctica de Eros e Thanatos, amor e morte, e imortalidade...

Na minha opinião, os *Quadros* são uma das belas homenagens póstumas a um Amigo ao longo da História da Arte, e vislumbrei aqui um paralelo com a intenção de evocar o amigo António Mega Ferreira, propondo também um *circuito* por textos da sua autoria, escolhidos por pessoas que acompanharam de perto a sua vida e obra, uma antologia viva do seu rico e variado legado de escritor.

Recebi o entusiasmo de alguns amigos com quem partilhei esta intenção de homenagem. E logo falei sobre esta ideia germinal dos *Quadros* com o Duarte Azinheira e a Filipa Leal – pela sua proximidade única ao António, familiar, afectiva, literária –, que se disponibilizaram de imediato para o projecto, para os convites e escolhas de textos e depoimentos – o meu muito obrigado a ambos, e a todos os que contribuíram para esta antologia, tão pessoal e original, da obra literária de António Mega Ferreira!

Fogo, inteligência, inspiração, humor, dinamismo, desafio, luz, elegância, voz, acção, arte... Obrigado, querido António, e até sempre – que privilégio!

Filipe Pinto-Ribeiro

Sobre António Mega Ferreira

António Mega Ferreira (25 de Março de 1949, Lisboa – 26 de Dezembro de 2022, Lisboa) foi escritor, gestor e jornalista. Estudou Direito e Comunicação Social, foi jornalista no Jornal Novo, no Expresso, em O Jornal e na RTP, onde chefiou a redacção da Informação do segundo canal. Foi chefe de redacção do JL – Jornal de Letras, Artes e Ideias. Fundou as revistas Ler e Oceanos. Chefiou a candidatura de Lisboa à Expo'98, de que foi comissário executivo. Foi presidente da Parque Expo, do Oceanário de Lisboa e da Atlântico, Pavilhão Multiusos de Lisboa. De 2006 a 2012, presidiu à Fundação Centro Cultural de Belém. De 2013 a 2019, desempenhou as funções de director executivo da AMEC/Metropolitana. Tem cerca de 40 obras publicadas, entre ficção, ensaio, poesia e crónicas. Em 2022, a sua obra “Crónicas italianas” foi distinguida com o Grande Prémio de Literatura de Viagens Maria Ondina Braga. Deixou como vontade escrita a doação à cidade de Lisboa de toda a sua biblioteca pessoal, com cerca de 25.000 volumes, que será instalada no Pavilhão de Portugal.

Sobre Modest Mussorgsky

Modest Petrovich Mussorgsky (21 de Março de 1839, Pskov – 28 de Março de 1881, São Petersburgo) é considerado um dos mais geniais compositores russos. Foi membro do influente “Grupo dos Cinco”, que colocou como objectivos renovar o meio musical russo, com raízes na tradição cultural do país, e encontrar o ritmo próprio da língua russa. Mussorgsky utilizou como fontes a música tradicional russa e os cantos ortodoxos, criando uma obra de singular beleza e originalidade,



em que se destacam a ópera “Boris Godunov”, baseada no drama homónimo de Alexander Pushkin, e o ciclo para piano “Quadros de uma Exposição”.

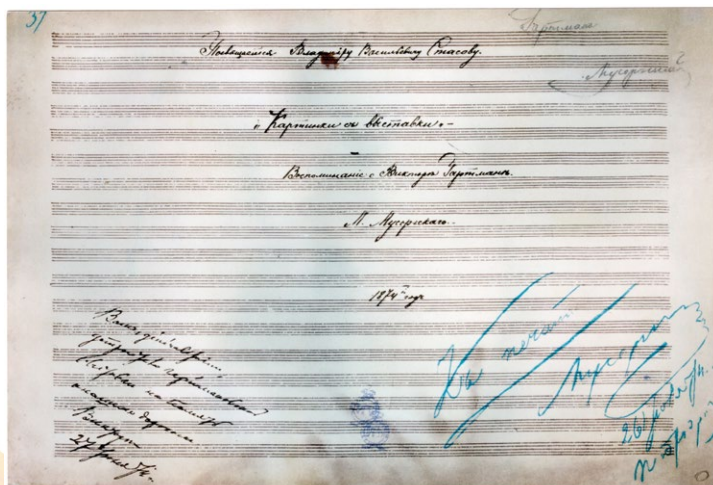
A obra de Mussorgsky reflecte uma originalidade e modernidade que veio a influenciar compositores como Debussy, Ravel, Schostakovich, Prokofiev e Stravinsky. Mussorgsky está para a música russa como Dostoevsky está para a literatura. A sua estética centra-se na procura da verdade artística – para Mussorgsky, a arte é um meio de comunicar.

Sobre Viktor Hartmann

Viktor Alexandrovich Hartmann (5 de Maio de 1834, São Petersburgo – 4 de Agosto de 1873, Kireyevo, perto de Moscovo) foi pintor e arquitecto, graduado com medalha de ouro pela Academia de Artes de São Petersburgo. Viajou durante anos por vários países europeus, pintando monumentos, cenas da vida quotidiana e retratos. Artista eclético, o seu legado abarca desde grandes projectos arquitectónicos à decoração de pequenos objectos. Criou também cenários e figurinos para ópera e bailado.

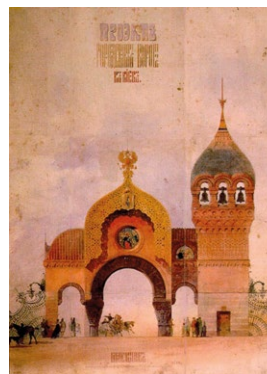
Na sua obra recorreu ao imaginário popular russo, com frequentes associações a contos tradicionais. Apesar da sua curta existência, Viktor Hartmann é considerado um dos mais dotados artistas a contribuir para o renascimento do estilo nacional russo.

Sobre Quadros de uma Exposição



Modest Mussorgsky
Quadros de uma Exposição

Fac-símile do manuscrito, 1ª folha
Departamento de manuscritos da Biblioteca Saltykov-Schedrin, São Petersburgo



Viktor Hartmann
Projecto para as Portas da Cidade em Kiev
Fachada principal
Lápis, aguarela; 42,9 x 60,8 cm
Instituto de Literatura Russa da Academia de Ciências, São Petersburgo

“A cultura russa ficou órfã!” Estas foram as palavras escritas por **Modest Mussorgsky** quando tomou conhecimento da morte inesperada do seu amigo, o pintor e arquitecto Viktor Hartmann.

Compostos em 1874, como homenagem póstuma a Hartmann, “*Quadros de uma Exposição*” propõem um circuito imaginário numa galeria onde estariam expostas criações do pintor, identificadas pelos títulos das secções da obra – Mussorgsky recria assim a sua própria experiência, de quando visitou a exposição dedicada a Hartmann, em São Petersburgo, após a sua morte.

A obra inicia-se com um breve “tema”, intitulado “Promenade”, que funciona como elo de ligação entre os quadros e pretende preencher o tempo que se demoraria de um quadro para o próximo, ou de uma sala para a seguinte.

Exemplo magnífico de música de inspiração pictórica, os “Quadros de uma Exposição” constituem também, pelos contrastes de escrita que



Wassiliy Kandinsky
As Grandes Portas de Kiev, Cenário
Têmpera, aguarela e tinta sobre papel; 21,2 x 27,3 cm
Colecção de Ciências Teatrais da Universidade de Colónia

apresentam e exigências que colocam, um supremo desafio às capacidades do intérprete na exploração das possibilidades do piano. Os “Quadros” não são uma simples ilustração musical, mas uma obra com uma concepção profunda e original – uma reflexão sobre a vida e a morte.

A comparação entre cada “quadro musical” de Mussorgsky e o seu equivalente pictórico de Hartmann, dá-nos uma visão interior sobre o processo criativo do compositor.

1. “*Gnomus*” – título original em latim – Desenho de um ornamento para uma árvore de Natal, representando um gnomo feio e manco. A peça de Mussorgsky é grotesca, com um toque de tragédia.

2. “*Il Vecchio Castello*” – título italiano no manuscrito original – Paisagem com um castelo medieval, sem figuras humanas, transformada por Mussorgsky numa expressiva canção de trovador.

3. *“Tuilleries” (Dispute d’enfants après jeux)* – título original em francês – A paisagem do Jardim de Tuilleries, em Paris, foi aproveitada por Mussorgsky para criar uma cena divertida, com a presença de crianças e das suas amas.

4. *“Bydlo”* – palavra polaca para “gado bovino” – no catálogo das obras de Hartmann não há referência a um quadro assim denominado. Na peça de Mussorgsky ouve-se o movimento de uma carroça puxada por uma junta de bois, emergindo uma canção de um camponês que a conduz.

5. *Bailado dos passarinhos dentro das suas cascas* – título original em russo - O protótipo é a aquarela de um figurino para uma cena do bailado “Trilby”, de Julius Gerber, apresentado em São Petersburgo, no qual um grupo de crianças vestidas de passarinhos corria e saltava dentro de grandes cascas de ovo. Mussorgsky compôs um pequeno “scherzo” cheio de graça e fantasia.

6. *“Samuel” Goldenberg und “Schmuyle”* – título original em alemão – Mussorgsky inspirou-se em dois retratos, um implacável judeu rico e um velho pobre. O contraste entre os dois tipos sociais sugeriu-lhe uma cena dialogante ou talvez uma reflexão sobre as duas

faces da mesma pessoa (*“Schmuyle”* é o diminutivo de “Samuel”).

7. *Limoges. “Le marché” (La grande nouvelle)* – título francês no manuscrito original – No catálogo das obras de Hartmann não é referido qualquer quadro do mercado de Limoges. Mussorgsky faz um esplêndido retrato colectivo de vendedoras no mercado, discutindo e tagarelando com típico temperamento meridional.

8. *“Catacombae” (Sepulcrum romanum) Con mortuis in lingua mortua* – em latim no original – Na aquarela “As Catacumbas de Paris”, Hartmann retrata-se a si próprio e ao seu amigo Kenel visitando as catacumbas, à luz da lanterna do guia. Mussorgsky compôs um diptico de veia romântica: o encontro do Homem com o mistério da morte, seguindo-se o canto resultante desse encontro. É uma reacção directa à morte de Hartmann.

9. *“A cabana sobre patas de galinha” (“Baba-Yaga”)* – título russo no original – O desenho de Hartmann representa um relógio em forma da cabana da Baba-Yaga, bruxa dos contos tradicionais russos. Mussorgsky utiliza a ideia do voo da bruxa mas a sua música, selvagem e impetuosa, afasta-se do

imaginário dos contos, sugerindo uma violenta alegria de libertação.

10. *As Grandes Portas (Na Capital da Antiga Rússia, Kiev)* – título russo no original – Hartmann fez o projecto arquitectónico para as portas da cidade de Kiev para um concurso que não teve resultados práticos. Mussorgsky conhecia bem a aquarela do seu amigo, com as colunas e a ornamentação russa, assim como a cúpula em estilo eslavo. Na peça ouve-se o hino de uma procissão majestosa, alternado com o canto dos peregrinos. Seguem-se os sinos e um grandioso final.

Os *“Promenade”* – título original em francês – são peças independentes dos quadros de Hartmann, nas quais o compositor se retrata a si mesmo, passeando e admirando a exposição. No primeiro *“Promenade”* é apresentado o tema musical condutor da obra. Cada aparição transformada de *“Promenade”* reflecte a reacção do Homem perante os quadros da vida que lhe são dados a testemunhar. Do significado de *“Promenade”* resulta a ideia de imortalidade que unifica a obra.

“Quadros de uma Exposição”, em memória de Viktor Hartmann – título russo no manuscrito original – é o

exponente de uma profunda concepção filosófica e o reflexo do extraordinário talento de Mussorgsky.

Cerca de meio século após a composição dos *“Quadros”*, o maestro Serge Koussevitzky encomendou a Maurice Ravel, em 1922, a orquestração da partitura original de Mussorgsky, que se transformou num “clássico” do repertório orquestral.

Em 1928, o pintor Wassily Kandinsky, durante o seu período da Bauhaus, encenou *“Quadros de uma Exposição”* para o Friedrich Theater em Dessau, criando cenários e figurinos originais. Foi a única vez que Kandinsky concordou em utilizar uma partitura “finalizada”. Inspirado pela força interior que ouviu na música – escreveu: “De forma alguma é música programática. Se descreve algo de qualquer maneira, então não são as imagens em si, mas apenas as experiências de Mussorgsky, que excedem em muito o “conteúdo” da pintura e encontram uma forma puramente musical. Foi por isso que aceitei de bom grado o convite para encenar a obra musical para o Friedrich Theater em Dessau”.

Filipe Pinto-Ribeiro

12 OUTUBRO 2024 Sábado
21h00 Teatro Municipal de Bragança

CONCERTO DE ENCERRAMENTO

Vivaldi – Esplendor do Barroco

Orquestra Barroca de Veneza “I Solisti Veneti”
Giuliano Carella *Direcção Musical*

PROGRAMA

Antonio Vivaldi
(1678-1741)

Concerto “Alla Rustica”, RV 151

1. *Presto*
2. *Adagio*
3. *Allegro*

Concerto para Violino e Orquestra, RV 332 (Opus 8 Nº 8 de “Il Cimento dell’Armonia e dell’Invenzione”)

1. *Allegro*
2. *Largo*
3. *Allegro*

Sinfonia, da ópera “L’Olimpiade”, RV 725

1. *Allegro*
2. *Andante*
3. *Allegro*

Concerto para Violoncelo e Orquestra, RV 419

1. *Allegro*
2. *Andante*
3. *Allegro*

Sinfonia, da ópera “Arsilda, regina di Ponto”, RV 700

1. *Allegro*
2. *Andante*
3. *Allegro*

Concerto para Violino e Orquestra, “Grosso Mogul”, RV 208

1. *Allegro*
2. *Grave – Recitativo*
3. *Allegro*

NOTAS AO PROGRAMA

Antonio Vivaldi (1678-1741) foi um dos mais preponderantes e prolíferos compositores da sua geração. A sua herança musical encontra-se expressa num larguíssimo catálogo que abarca todos os géneros musicais em voga na sua época. No que respeita à produção instrumental, Vivaldi contribuiu, de forma decisiva, para a definição do modelo do concerto barroco e demonstrou ser pioneiro no contexto da música orquestral de pendor programático. Nos concertos que escreveu (cerca de quinhentos), o compositor veneziano desenvolveu novos aspectos formais e estilísticos, imprimindo nas suas partituras um discurso musical simples, eficaz, apelativo e de forte impacto. Paralelamente, contribuiu para o estabelecimento de novos padrões de virtuosismo técnico na prática interpretativa (bem evidentes nos seus concertos de solista, especialmente naqueles escritos para violino).

O *Concerto em Sol Maior*, “*Alla Rustica*”, RV 151 terá sido composto durante a década de 1720. Consiste num concerto escrito para cordas (sem solista) nos habituais três andamentos e

não contém um conteúdo programático definido. A inscrição “*alla rustica*” poderá encontrar correspondência no carácter popular evocado, por exemplo, no desenho melódico do terceiro andamento da peça. No primeiro andamento, escrito na tonalidade de Sol Maior, merece particular atenção o detalhe da sua inesperada e dramática conclusão em Sol menor.

Publicado em 1725, o *Concerto em Sol menor*, RV 332 integra a colectânea de doze concertos intitulada *Il cimento dell’ armonia e dell’ invenzione*, Op. 8 (nesta série, Vivaldi propôs-se conciliar o lado racional que rege toda a criação artística com um outro, da esfera da imaginação, donde resulta um discurso que pretende descrever com sons determinadas ideias poéticas e, por conseguinte, extramusicais; as icónicas *Le Quattro Stagioni*, que também integram esta série, serão, provavelmente, o melhor exemplo disso mesmo). Trata-se de um concerto de solista escrito para violino, cordas e contínuo. A obra destaca-se pelo seu terceiro e último andamento, designadamente pela energia do seu *ritornello* e pelo virtuosismo das duas



passagens em arpejos, em registo de cadência, na linha do solista.

O *Concerto em Lá menor, RV 419*, para violoncelo, cordas e contínuo, é um dos cinco concertos para violoncelo (entre os vinte e sete compreendidos no catálogo de Vivaldi) que o compositor italiano escreveu na tonalidade de Lá menor. No primeiro andamento, figurações harpejadas no baixo (motor motivico do andamento) dão o mote para a entrada do solista. O *Andante* que se segue - escrito na tonalidade relativa (Dó Maior) - é marcado pela tranquilidade conferida pela melodia em tercinas na linha do violoncelo. No Allegro final destaca-se o recurso ao efeito de *tremolo* nas partes do solista e dos segundos violinos.

Acredita-se que o *Concerto em Ré Maior, "Grosso Mogul", RV 208* tenha sido escrito por volta de 1710. A existência de uma transcrição da obra elaborada por J. S. Bach (1685-1750) entre 1713 e 1714 - o *Concerto para órgão, BWV 594* - permite, pois, balizar a composição original de Vivaldi. A designação "*Grosso Mogul*" poderá remeter para o libreto da ópera *Il gran*

Mogol - da autoria de Domenico Lalli (1679-1741) e musicado por Francesco Mancini (1672-1737) - levado à cena no Teatro San Bartolomeo, em Nápoles, em Dezembro de 1713. Escrito para violino, cordas e contínuo, o concerto destaca-se pelas longas cadências nos primeiro e terceiro andamentos, consistindo o *Grave - Recitativo* que medeia a obra num solo do violino acompanhado apenas pelo contínuo.

O programa contempla ainda a apresentação de duas sinfonias, designação frequentemente atribuída às aberturas de óperas italianas durante o período Barroco, particularmente às aberturas escritas em três andamentos (rápido-lento-rápido), segundo a fórmula de Alessandro Scarlatti (1660-1725). Serão então interpretadas as sinfonias das óperas *L'Olimpiade, RV 725* e *Arsilda, regina di Ponto, RV 700*, segundo os libretos de Pietro Metastasio (1698-1782) e de Domenico Lalli, respectivamente. Ambas estrearam em Veneza, no Teatro Sant'Angelo: a primeira, em Fevereiro de 1734; a segunda, em Outubro de 1716.

Sónia Gonçalves da Silva, musicóloga

ARTISTAS

por ordem de concerto



Foto: Rita Carmo



foto: Serban Mestecaneanu

ANNA SAMUIL

Uma das mais requisitadas cantoras das últimas duas décadas, Anna Samuil é soprano solista da Ópera Estatal de Berlim desde 2004.

A sua fulgurante carreira internacional levou-a rapidamente aos mais importantes palcos mundiais como La Scala em Milão, Metropolitan Opera em Nova Iorque, Óperas Estatais de Munique, Dresden e Hamburgo, Óperas de Valência, Lyon, Tel Aviv e Tóquio, Pittsburgh e Baltimore, e o Grand Théâtre de Luxembourg. Frequentemente convidada de festivais internacionais, obteve enorme sucesso nos festivais de Salzburgo, Aix-en-Provence e Edimburgo, em Glyndebourne, Verbier e na Arena di Verona, bem como no Maggio Musicale Fiorentino.

Colaborou com maestros de renome como Daniel Barenboim, Zubin Mehta, Neville Marriner, Lorin Maazel, Antonio Pappano, Plácido Domingo, Dmitri Kitayenko, Kent Nagano, Kirill Petrenko, Vladimir Jurowski, Gustavo Dudamel, Andris Nelsons, Massimo Zanetti e Donald Runnicles. Colaborou também com os mais destacados encenadores, como Franco Zeffirelli, Peter Stein e Marthe Keller, entre outros.

Nascida em Perm, Anna Samuil estudou violino e canto no Conservatório Tchaikovsky de Moscovo. É premiada de grandes concursos internacionais, como

o Concurso Tchaikovsky e Concurso Glinka, o Concorso Franco Corelli e o Concorso Riccardo Zandonai, bem como o Concurso Klaudia Taev e o Concurso Neue Stimmen.

Apresentou-se em concertos e recitais na Royal Opera House Covent Garden, nos BBC Proms, na Deutsche Oper Berlin, no Palais des Beaux-Arts, na Deutsche Oper am Rhein, em Waldbühne, na Philharmonie de Colónia, no Teatro Bolshoi em Moscovo, na Philharmonie am Gasteig, na Konzerthaus Berlin, no Jerusalem Chamber Music Festival e no Rheingau Musik Festival, na Norske Opera em Oslo, nos festivais de Bad Kissingen e Colmar e na Richard Wagner Haus em Bayreuth. Como reconhecimento ao seu excelente desempenho vocal e de actuação, Anna Samuil foi homenageada em 2008 com o prestigiado prémio Daphne do Theater Gemeinde Berlin. Numerosas gravações documentam as actividades artísticas de Anna Samuil. As edições em CD e DVD incluem Eugene Onegin no Festival de Salzburgo, Don Giovanni em Glyndebourne e em Israel, Das Rheingold e Götterdämmerung no La Scala em Milão, o War Requiem de Britten sob a direcção de Sir Neville Marriner e a Nona Sinfonia de Beethoven com a West-Eastern Divan Orchestra sob a direcção de Daniel Barenboim (Decca).

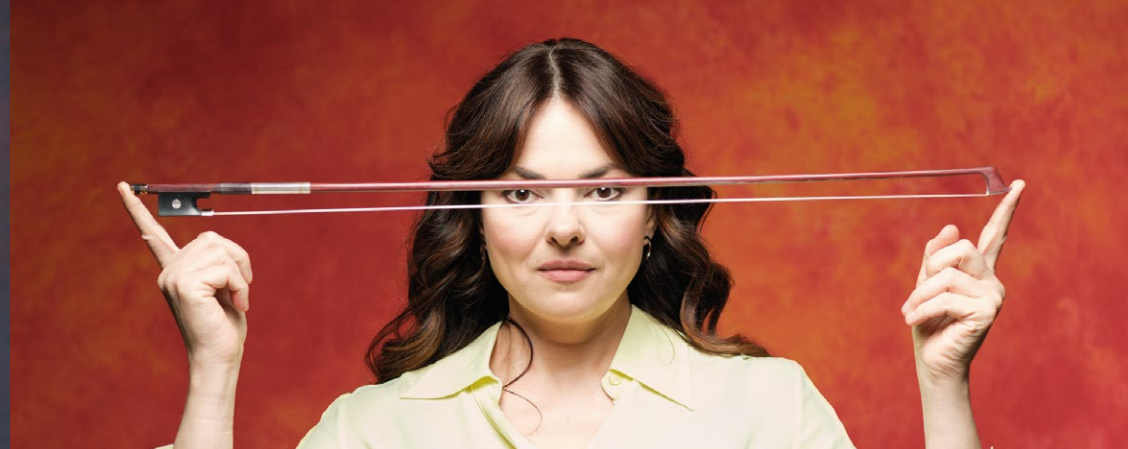


foto: Serban Mestecaneanu

TATIANA SAMOUIL

Tatiana Samouil, belga por adopção e de origem russo-moldava, é detentora de uma carreira versátil: actua como solista com as mais prestigiadas orquestras, participa em festivais como músico de câmara por todo o mundo e é uma renomada e requisitada professora de violino.

Nascida em São Petersburgo, Tatiana iniciou os seus estudos musicais na Moldávia e continuou-os no célebre Conservatório Tchaikovsky de Moscovo. Após obter o Diploma de Solista com Honra, no Conservatório de Moscovo, na classe da professora Maja Glezarova, Tatiana conheceu o lendário violinista Igor Oistrakh e decidiu tornar-se sua aluna no Conservatório Real de Música de Bruxelas.

Vencedora de prémios em sete dos mais famosos concursos internacionais (como Rainha Elisabete de Bruxelas, Tchaikovsky e Sibelius), é frequentemente convidada para ser

membro de júris por todo o Mundo.

Gravou mais de 20 CDs para editoras como “Sony Classical”, “Onyx”, “Cypres” e “Indesens”, tendo recebido numerosos e prestigiados prémios: “Diapason d’or”, “Choc de Classica”, Prix Caecilia, Jocker de Crescendo, entre outros.

Os seus lançamentos mais recentes incluem a obra completa de música de câmara de Rachmaninov, com Andrey Korobeinikov e Pavel Gomziakov, e “Il Mondo Felice” com sua irmã Anna Samuil, a Orchestre Royal de Mons e Vahan Mardirossian.

Nesta temporada, Tatiana apresenta-se em cidades como Paris, Berlim, Belo Horizonte, Bucareste, Madrid e Hong Kong.

Actualmente, Tatiana Samouil é Professora de Violino no Conservatório Real de Bruxelas e no Centro Superior de Artes Musikene (San Sebastián). Toca num violino construído em Veneza por Michele Deconet, em 1745.



foto: Rita Carmo

MATTHIAS SAMUIL

Matthias Samuil nasceu em Berlim e iniciou os seus estudos musicais aos seis anos de idade. Graduou-se como pianista na Escola Superior de Música “Hanns Eisler” em Berlim, onde estudou com Annerose Schmidt e Hella Walter-Arndt e participou em várias masterclasses internacionais, com Murray Perahia, Leon Fleisher, Brigitte Engerer e Graham Johnson.

Matthias tem-se apresentado em concertos como pianista acompanhador de alguns dos mais destacados cantores de ópera da actualidade, como Olga Peretyatko, Dmitry Korchak, Anna Samuil, Lena Belkina, Alfredo Daza e Marina Prudenskaya.

Como solista e acompanhador, foi laureado com diversos prémios em concursos internacionais. Em 2016, recebeu o prémio de melhor pianista acompanhador no Concurso “Triomphe de l’Art”, em Bruxelas. Apresentou-se em algumas das principais salas do mundo, como a Philharmonie de Berlim, Palau de les Arts de Valência, Casa da Música em Moscovo, Ópera Estatal de Berlim, Konzerthaus de Berlim, Muziekgebouw de Amesterdão. Participou em inúmeras transmissões ao vivo e gravações de CDs. Desde 2006, é Professor na Escola Superior de Música “Hanns Eisler”, em Berlim.

FILIPPE PINTO-RIBEIRO

Filipe Pinto-Ribeiro é considerado um dos mais destacados artistas portugueses das últimas décadas e um dos que mais reconhecimento internacional conquistou enquanto pianista solista, músico de câmara e director artístico. Natural do Porto, Filipe diplomou-se e doutorou-se em 2000 no Conservatório Tchaikovsky de Moscovo, onde estudou cinco anos sob a orientação da prestigiada pianista e professora Lyudmila Roschina. Desde então, encetou uma carreira que o tem levado a apresentar-se nas melhores temporadas de concertos e festivais da Europa, América, Ásia e Oceânia. Apelidado “poeta do piano”, Filipe Pinto-Ribeiro domina um vasto repertório, moldando-se de forma camaleónica tanto à música do romantismo como à do barroco ou ainda à música contemporânea, tendo estreado obras de vários compositores. A sua discografia a solo, composta por 5 CDs, é exemplo da sua versatilidade e inclui obras de Bach a Ravel, de Beethoven a Mussorgsky, de Debussy a Prokofiev, incluindo compositores portugueses. Enquanto solista, tocou com as principais orquestras portuguesas e de vários países europeus e americanos e, apaixonado pela música de câmara, tem colaborado com muitos dos mais significativos músicos do nosso tempo. Momento importante no seu percurso foi a

fundação, em 2006, do DSCH Schostakovich Ensemble, de que é director artístico. A discografia do DSCH inclui a 1ª gravação mundial da Integral da Música de Câmara para Piano e Cordas de Schostakovich e os Trios Opus 11 e 38 de Beethoven (ambos para a Paraty/Harmonia Mundi), álbuns que receberam excelentes críticas da imprensa especializada. Foi também a partir do DSCH Ensemble que criou em Lisboa, em 2015, o Verão Clássico, que se constitui hoje como um dos mais importantes festivais e academias musicais do mundo.

A sua criatividade como director artístico e curador tem-no levado a liderar vários projectos ao longo das últimas duas décadas, sendo actualmente director artístico do Festival Bragança ClassicFest, do Festival de Música dos Capuchos e curador do Ciclo de Concertos Musical-Mente, no Teatro Nacional São João, no Porto. Apoiante e dinamizador das novas gerações de músicos, Filipe foi Professor de Piano durante uma década em universidades portuguesas, orienta frequentemente masterclasses e criou, em 2022, o Juventus Ensemble, que junta músicos consagrados a jovens talentos emergentes.

Filipe Pinto-Ribeiro é o único pianista português nomeado “Steinway Artist”, uma distinção oficial recebida em 2014 da prestigiada marca de pianos *Steinway & Sons*.



foto: Rita Carmo

XUNYUE ZHANG

Nascida na China em 2003, Xunyue Zhang iniciou os estudos musicais aos seis anos de idade.

É laureada de vários concursos internacionais, tendo conquistado o 2º Prémio e do Prémio Especial pela melhor interpretação de Mozart no 8º Concurso Internacional de Violino Henri Marteau 2023 na Alemanha, o 3º Prémio e três prémios especiais no Concurso Lipizer 2022, em Itália, e o 2º Prémio no Concurso d da Fundação Ibolyka Gyrfas 2021.

Como solista, Xunyue apresentou-se na Alemanha, Itália e China, acompanhada por orquestras como Hofer Symphoniker, Kammerakademie Potsdam e Orquestra Sinfónica do Conservatório de Xangai. Também realizou recitais em Berlim, Xangai e outras cidades.

Desde 2022, foi seleccionada para participar de masterclasses no Festival Verão Clássico, Festival de Kronberg, na Academia de Música de Villedroze, na Academia Internacional de Verão de Ettal. Teve o privilégio de participar em masterclasses orientadas por músicos de renome mundial, como Ana Chumachenko, Mihaela Martin, Kolja Blacher, Boris Kuschner e Oleh Krysa. Após seus estudos na Escola Secundária Afiliada ao Conservatório de Música de Xangai, Xunyue está actualmente a estudar na Escola Superior de Música Hanns Eisler, em Berlim, com o Professor Stephan Picard.

Toca num violino de Andrea Guarneri, generosamente cedido pela Fundação Deutsche Stiftung Musikleben, construído em Cremona, em 1663.

ALFONSO PINTO-RIBEIRO

Alfonso Pinto-Ribeiro nasceu no Porto, em 2005.

Teve as primeiras aulas de piano aos 4 anos com a sua mãe, a pianista Rosa Maria Barrantes, e iniciou os estudos de violino com 7 anos.

Em 2024, inicia os seus estudos superiores na Universidade Mozarteum de Salzburgo, na Áustria, uma das mais prestigiadas instituições de ensino musical a nível mundial, na classe da Professora Lily Francis.

Foi laureado em vários concursos de violino, tendo recebido o 1º Prémio no Concurso “Vechi Costa”, em 2021, e o 2º Prémio ex-aequo na Academia Internacional Verão Clássico, em 2024. Estudou na Academia de Música de Santa Cecília, em Lisboa, com Denis Stetsenko e Lígia Soares, continuando os seus estudos

de violino no Conservatório Nacional de Lisboa, com Joana Cipriano.

Participou em várias masterclasses de violino com professores de referência internacional como Mihaela Martin, Pavel Vernikov, Svetlana Makarova e Jack Liebeck, entre outros. Estudou ainda com Mateja Marinkovic, em Belgrado, e com Stephan Picard, em Berlim. No âmbito da música de câmara, trabalhou sob a orientação de Miguel da Silva e Lars Anders Tomter.

Apresentou-se em diversos concertos, sendo de destacar a participação no Festival Verão Clássico, em Lisboa, e no Festival de Musique de Prémery, em França.

Alfonso toca um violino construído por Christian Bayon, em 2020.



foto: Kirsten Van Santen

JOÃO ÁLVARES ABREU

Nascido em Santo Tirso em 2000, João Álvares Abreu iniciou o seu percurso musical aos 12 anos na ARTAVE, tendo prosseguido estudos com Nobuko Imai e Francien Schatborn no Conservatorium van Amsterdam, pelo qual obteve o grau de licenciado em 2022. Álvares Abreu participou em *masterclasses* orientadas por eminentes pedagogos tais como Tatjana Masurenko, Veronika Hagen, Miguel da Silva, Walter Küssner, Sophie Arbuckle e Pauline Sachse, entre outros. Foi distinguido com diversos prémios, entre os quais se destaca o 1º Prémio ex-aequo no Concurso Nacional de Cordas Vasco Barbosa (Lisboa, 2017), que lhe proporcionou a oportunidade de se apresentar a solo com orquestra no Centro Cultural de Belém, numa transmissão em direto para a rádio Antena 2. Mencione-se, ainda, o 2º prémio ex-aequo na Academia Internacional Verão Clássico (Lisboa, 2019). No plano orquestral, João Álvares Abreu é músico da Orquestra Filarmónica da Rádio dos Países Baixos, sob direcção musical de Karina Canellakis. Em

Portugal, colabora regularmente com a Orquestra de Câmara Portuguesa, com a qual interpretou, a solo, a Sinfonia Concertante de Mozart, sob a direcção do maestro Pedro Carneiro. Foi membro efetivo da Orquestra de Jovens da União Europeia em 2022. Em 2023, coordenou o naipe de violas da Jovem Orquestra Portuguesa. Como músico de câmara, dividiu o palco com músicos consagrados; destacam-se Eszter Haffner, Nobuko Imai, Pedro Carneiro, Filipe Pinto-Ribeiro, entre outros. É membro fundador do Mankes Piano Quartet, ensemble internacional sediado em Amsterdão com actividade nos Países Baixos, Portugal e EUA. João Álvares Abreu é membro fundador e presidente da direcção da FAMART - Plataforma Artística, no âmbito da qual desempenha funções de programação e direcção artística. Como bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian, em 2024, concluiu o mestrado na Haute École de Musique de Genève, sob orientação do professor Máté Szücs. João Álvares Abreu é o fundador e director artístico do Festival Cidnay.



GEIRTHRUDUR GUDMUNDSDOTTIR

Elogiada pela imprensa internacional pela sua forma de tocar “ágil e apaixonada”, pela sua “maturidade notável”, assim como pela “interpretação sincera e honesta”, a violoncelista islândico-americana Geirthrudur Gudmundsdottir já se apresentou em salas de referência internacional como o Carnegie Hall em Nova Iorque e o Southbank Centre em Londres. Tocou ainda, enquanto solista, com a Orquestra Sinfónica da Islândia e com a Orquestra Sinfónica da Royal Academy of Music de Londres, entre outras. Graduiu-se na prestigiada Juilliard School em Nova Iorque, na Northwestern University em Illinois e na Royal Academy of Music em Londres. A sua apresentação no Harpa Concert Hall das seis Suintes para Violoncelo de Bach foi aclamada como “uma experiência impressionante” (Fréttabladid, Islândia). Geirthrudur conquistou prémios em diversos concursos, incluindo o Concurso Internacional de Violoncelo Anton

Rubinstein, o Concurso Hellam Young Artist e o Concurso da Associação Internacional de Artistas de Nova Iorque. Foi premiada com a Medalha de Ouro e o Grande Prémio no Concurso de Música de Câmara Fischhoff e apresentou-se no Banff International String Quartet Competition de 2022, com o Quarteto de Cordas Terra String. Além do seu trabalho como violoncelista moderna, Geirthrudur tem um grande interesse em interpretação historicamente informada e em direcção musical. Estudou violoncelo barroco com Phoebe Carrai e Tanya Tompkins e apresentou-se no Valley of the Moon Music Festival, na Califórnia. Estreou-se como maestrina com a Orquestra Sinfónica da Islândia em 2023, como membro da Academia de Direcção Musical da orquestra. Para além da sua paixão pela música, Geirthrudur tem um gosto especial por literatura, fotografia e xadrez.



foto: Rita Carmo

TIAGO PINTO-RIBEIRO

Um dos músicos portugueses de maior prestígio internacional, o contrabaixista e professor Tiago Pinto-Ribeiro nasceu no Porto e estudou na Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo. Mais tarde, ingressou na Universidade das Artes de Berlim, UdK, onde estudou com o Professor Michael Wolf e concluiu o diploma artístico em Contrabaixo e o mestrado. Ao longo do seu percurso, foi laureado em diversas ocasiões, tendo obtido uma menção honrosa no Concurso Internacional de Contrabaixo, em Houston, EUA, e vencido o 1º Prémio no Concurso Internacional “Júlio Cardona”. Integrou algumas das melhores orquestras mundiais, como é o caso da Orquestra Sinfónica NDR de Hamburgo, Orquestra Filarmonica NDR de Hannover, Orquestra Sinfónica da Galiza, Orquestra Sinfónica de Berlim, entre outras, onde trabalhou por maestros consagrados,

como Claudio Abbado, Christoph von Dohnányi, Kent Nagano e Christoph Eschenbach. No âmbito da música de câmara, é membro do DSCH - Schostakovich Ensemble e toca frequentemente, em Portugal e em vários países europeus, com músicos consagrados como Mihaela Martin, Frans Helmerson, Gérard Caussé, Pascal Moraguès, Adrian Brendel, Marcelo Nisinman, Jack Liebeck, Kyril Zlotnikov, Corey Cerovsek, Benjamin Schmid, José van Dam, Silvia Careddu, Carolin Widmann, Christian Poltéra e o seu irmão Filipe Pinto-Ribeiro. Actualmente, Tiago Pinto-Ribeiro é contrabaixista da Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, Professor de Contrabaixo e de Música de Câmara na Universidade de Aveiro, assumindo ainda funções de direcção em vários festivais, como Bragança ClassicFest, Capuchos e Verão Clássico.



JUVENTUS ENSEMBLE

Colhendo o seu nome na deusa da juventude da mitologia romana, o Juventus Ensemble (JuvE) é um projecto de música de câmara que tem como principal objectivo tornar-se uma plataforma de criação e um catalisador de oportunidades para jovens músicos de reconhecido talento. Fundado em 2022, o Juventus Ensemble teve a sua estreia em Bragança, na Igreja de São Francisco, no âmbito do Festival Bragança ClassicFest, com obras de Eurico Carrapatoso e Antonín Dvořák. Agrupamento musical de geometria variável, o Juventus Ensemble promove concertos e residências artísticas com a colaboração de artistas de renome mundial – tais como Pascal Moraguès, Filipe Pinto-Ribeiro e Stephan Picard –, abordando um repertório de diversas épocas e estilos musicais, com o intuito de acolher e valorizar os melhores talentos emergentes do panorama musical. Entre os jovens músicos que integraram os concertos do Juventus Ensemble, destacam-se os violinistas Amia Janicki,

Xunyu Zhang, Malina Ciobanu, Manuel Almeida-Ferrer, Tomás Soares e Alfonso Pinto-Ribeiro, os violetistas João Álvares Abreu, Mafalda Costa Reis e Sofia Silva Sousa, os violoncelistas Geirthrudur Gudmundsdottir Beatriz Raimundo, João Pedro Gonçalves e Pedro Gomes da Silva, a oboísta Luísa Bandeira, o clarinetista João Paiva, o trompista Luís Duarte Moreira e a flautista Sónia Pais. Em Fevereiro de 2023, o Juventus Ensemble apresentou a estreia mundial do Sexteto “Dreaming and Thinking” do compositor norte-americano Bruce Adolphe, no âmbito do Ciclo Musical-Mente, no Mosteiro de São Bento da Vitória, no Porto. Também em 2023, o Juventus Ensemble fez a sua estreia internacional com dois concertos no Festival de Musique de Prémery, em França. O Juventus Ensemble tem direcção artística de Filipe Pinto-Ribeiro e conta com o apoio da Direcção-Geral das Artes do Ministério da Cultura.



ANTÓNIO VICTORINO D'ALMEIDA

Considerado um dos grandes vultos da cultura portuguesa das últimas décadas, António Victorino d'Almeida nasceu em Lisboa, em 1940, e iniciou os seus estudos musicais com Marina Dewander Gabriel, tendo mais tarde estudado piano com Fernando Leitão, composição com Artur Santos e Joly Braga Santos e História da Música com Maria Augusta Barbosa. Terminou o Curso Superior de Piano no Conservatório Nacional com média final de 19 valores, como aluno de Campos Coelho, o que lhe permitiu obter uma bolsa do Instituto da Alta Cultura para prosseguir estudos em Viena de Áustria, onde aperfeiçoou a sua técnica de concertista com Wladislav Kedra e Dieter Weber. Dedicou-se ao estudo da composição com Karl Schiske, tendo obtido o diploma final do Curso de Composição com a máxima classificação por distinção e unanimidade, o que lhe garantiu o prémio do Ministério da Cultura da Áustria, por ter sido o melhor aluno finalista de cada ano.

Mais tarde, obteve uma bolsa da Fundação Calouste Gulbenkian para estudar música contemporânea com o compositor Friedrich Cerha, música electrónica com Dieter Kaufman e direcção de orquestra com o Prof. Koslik. Entre 1974 e 1981 foi adido cultural em Viena. Foi também membro de júri no Concurso Vianna da Motta (Lisboa) e no Concurso Tchaikovsky (Moscovo). Como intérprete, participou em inúmeros concertos, tanto a nível nacional como internacional, tendo sempre sido uma presença constante nos media portugueses como apresentador de programas culturais. Além de concertista, Victorino d'Almeida é um prolífico criador, sendo, sem dúvida, um dos compositores portugueses que mais obra produziu, abrangendo os mais variados géneros musicais, como a música a solo, para piano e outros instrumentos, música de câmara, sinfónica e coral, incluindo ópera, fado e muita música para cinema e teatro.

ANA MARIA PINTO

Soprano, professora, compositora e produtora, Ana Maria Pinto nasceu no Porto e formou-se na ESMAE e na Universidade das Artes de Berlim. Foi bolseira da Fundação Walter-Kaminsky e da Fundação Calouste Gulbenkian. Desenvolve, desde 2015, projectos com base na Educação pela Arte que visam a Conexão do ser humano com a Natureza. No final de 2016 criou e fundou a Novaterra, Associação Cultural Arte e Ambiente. Em 2020, criou o Estúdio Jardim, onde a produção musical se funde com as residências artísticas no meio da natureza. Em 2021 criou a sua Escola Voz da Terra. Como cantora lírica desenvolveu um repertório bastante alargado, dando especial ênfase à Oratória e ao Lied. Em ópera destacam-se os papéis de Susanna (*Le Nozze di Figaro*), Elle (*La Voix Humaine*), Blanche de La Force (*Dialogues des Carmélites*), Musetta (*La Bohème*), e Kumudha (*A Flowering Tree de John Adams*). Apresentou-se em salas como o Victoria

Hall em Genebra, o Teatro Nacional de Kosice (Hungria), a Catedral de Berlim ou a Chapelle de la Trinité de Lyon, na Konzerthaus em Izmir, Turquia, assim como na Konzerthaus em Rzeszów na Polónia. Interpretou o papel de Cecília no filme “Casanova Variations”, onde contracenou com John Malkovich e cantou com o tenor Jonas Kaufmann. Gravou canções de Fernando Lopes Graça e Vianna da Motta com o pianista Nuno Vieira de Almeida e lançou, em Janeiro, de 2017 o álbum *Anterianas*, com música de Luís de Freitas Branco e Franz Schubert. Em Novembro do mesmo ano, lançou o seu primeiro álbum de canções originais *Seven Songs for a New Earth*. No sentido de promover o intercâmbio entre artistas clássicos e da cultura musical africana, realizou vários concertos com músicos africanos em Portugal, na Namíbia e na Guiné Bissau. Dirige, compõe e produz espectáculos para os quatro coros que fundou no seio da Novaterra.



foto: Tales of Light

MARINA PACHECO

Marina Pacheco nasceu em Lisboa, estudou com Pedro Teles e José de Oliveira Lopes e completou o Mestrado, em Performance Musical, com Sofia Serra e António Salgado, na Universidade Católica Portuguesa. Vencedora da 26ª edição do Prémio Jovens Músicos e galardoada em vários concursos europeus, apresenta-se regularmente em ópera, oratória, Lied e música contemporânea, em diversos palcos da Europa, África e América do Sul.

Os seus três discos editados – *João Arroyo: obra para canto e piano* (Marina Pacheco e Joana David), *Canções de Lemúria* (Marina Pacheco e Olga Amaro) e *Cantiga partindo-se* (João Roiz Ensemble, Câmara Municipal de Castelo Branco) – são exemplo do seu compromisso na divulgação da música portuguesa. Integrou as produções de *Così fan tutte* (Fiordiligi) e *Le Nozze di Figaro* (Susanna)

de Mozart, *Amor de Perdição* (Teresa) de Arroyo, *Julie* (Kristin) de Boesmans, *Candide* (Cunegonde) de Bernstein, *Paride ed Elena* (Paride) de Gluck, *L'Enfant et les Sortilèges* (Princesa) de Ravel, *A Laugh to Cry* (Voz Feminina) de Azguime, *Il Barbiere di Siviglia* (Rosina) de Rossini e *TMIE* de C. A. Augusto (Selene, Mertseger, Empédocles), entre outras.

Apresentou-se a solo com a Jenaer Philharmonie, o João Roiz Ensemble, a Mitteldeutsche Kammerphilharmonie, a Norrbotten NEO, a Orquestra de Câmara Portuguesa, a Orquestra Clássica do Centro, a Orquestra Clássica do Sul, a Orquestra Filarmonia das Beiras, a Orquestra Gulbenkian, a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, a Orquestra da Universidade do Minho, o Sond'Art-te Electric Ensemble e a Orquestra da Ópera Estatal de Stara Zagora.



foto: Krystallenia

OLGA AMARO

Diplomada pela Universidade de Stellenbosch (África do Sul), Olga Amaro integrou a classe da pianista Nina Schumann com quem concluiu, em 2008, o grau de Mestre em Piano Performance “cum laude”. Ao longo do seu percurso musical foi aluna de Eugénia Moura (Academia de Música Fernandes Fão) e Constantin Sandu (Escola Superior de Música, Artes e Espetáculo do Porto), formando-se paralelamente com músicos como Helena Sá e Costa, Sequeira Costa, Vladimir Viardo, Konstantin Sherbakov, Alexei Lubimov, entre outros. Laureada com o 1º Prémio do Concurso Nacional Florinda Santos (1996, S. João da Madeira) e o 1º Prémio na Categoria de Ensemble do ATKV-Muziq Competition (2005, África do Sul), Olga Amaro foi

também bolsreira da Fundação Calouste Gulbenkian (1997 a 2003) e recebeu o Prémio Lions Club e a Bolsa de Mérito do Instituto Politécnico do Porto (2002). Em 2011 foi laureada com o Prémio de Melhor Pianista no 5º Concurso de Canto Lírico da Fundação Rotária Portuguesa. Apresenta-se regularmente como solista e músico de câmara, tendo já realizado concertos em Portugal, Espanha, França, Inglaterra, Itália, Alemanha, Roménia, África do Sul, Moçambique e Colômbia. Da sua discografia fazem parte dois CD: “Canções de Lemúria” com a soprano Marina Pacheco (2013) e “Canção” com a soprano Lara Martins (2021). Actualmente, exerce funções de pianista acompanhadora no Conservatório de Música do Porto e na ESMAE.



CRISTÓVÃO LUIZ

Natural de Lisboa, Cristóvão Luiz estudou violino com Klára Erdei e piano com António Ferreira e António Toscano.

Diplomou-se em piano na ESMAE, nas classes de Sofia Lourenço e Luísa Tender. Trabalhou ainda com Markus Groh, na Hochschule für Musik und Theater Hannover.

Realizou *masterclasses* com Helena Sá e Costa, Sequeira Costa, Tania Achot, Fernando Puchol e Markus Tomas.

Em 2005, obteve o Prémio Helena Sá e Costa.

Cristóvão Luiz apresenta-se em festivais e concertos, como solista e em duo com Thierry Barbé, David Heyes, Iva Barbosa, Ana Maria Pinto, Ana Ferraz, Julien Beaudiment, Vincent Cortvint, Michel

Bellavance, Angelina Rodrigues, Raquel Lima, Sarah Louvion, Giovanni Gandolfo, Luís Meireles, Elisabete Matos, Gonçalo Nova.

Foi músico-convidado da Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música e do Coro Casa da Música, sob a direcção dos maestros Christian Karlssen, Michael Zilm, Lothar Zagrosek, Pedro Neves, Marion Sarmiento, Paul Hillier, Olari Elts, Takuo Yuasa, Douglas Boyd, Baldur Brönnimann e Stefan Blunier.

Em 2017, é convidado por José Eduardo Gomes para dirigir o coro do Círculo Portuense de Ópera.

Foi Pianista-Colaborador na ESMAE e na Universidade Católica Portuguesa.

Cristóvão Luiz lecciona no Conservatório de Música do Porto, desde 2005.



foto: Jean-Baptiste Millot

ORQUESTRA DE PARIS “CONSUELO”

Criado por iniciativa do violoncelista e maestro Victor Julien-Laferrière, o audacioso projecto denominado Orquestra Consuelo nasceu em 2021.

Para o seu nome, a orquestra elege a figura de Consuelo, heroína do romance homónimo de George Sand. É então sob o duplo signo da mais musical das heroínas, descrita pela mais musical das romancistas, que a abordagem artística desta orquestra ganha vida.

Agrupamento de geometria variável de 15 a 50 músicos, a Orquestra Consuelo tem como missão abordar o repertório sinfónico pelo prisma da música de câmara e executá-lo com rigor e paixão. Apresentou concertos nas edições de 2022 e 2023 do famoso festival Folle Journée de Nantes, incluindo dois concertos ao vivo transmitidos pelo canal franco ARTE.

Apresentou-se também no festival Variations Classiques d'Annecy e nos Sommets Musicaux de Gstaad, no Festival de La Roque d'Anthéron, no Halle aux Grains de Toulouse e no festival La Chaise-Dieu. Fechou o ano de 2023 com dois concertos no Théâtre des Champs-Élysées em Paris.

A orquestra iniciou 2024 com um concerto com a pianista ucraniana Anna

Fedorova no Auditorium de Vincennes e Prima La Musica! num programa de Tchaikovsky, que voltou a apresentar no festival Folle Journée de Nantes com o pianista Alexander Malofeev.

O ano musical da orquestra continuará no Coursive Scène Nationale, em La Rochelle, no Festival Rocamadour e na Ópera de Vichy. Regressará ao festival Chaise-Dieu para a continuação do projecto da integral das Sinfonias de Beethoven e fará a sua estreia em Setembro próximo no 77º Festival de Besançon-Franche-Comté e em Outubro no 4º Festival Bragança ClassicFest. Para além da actividade em palco, a Orquestra Consuelo aposta no desenvolvimento de projectos de gravação. Após um primeiro álbum dedicado a Johannes Brahms em 2023, para a editora francesa Mirare, encontra-se de momento a gravar o seu próximo projecto discográfico dedicado à integral das Sinfonias de Beethoven.

A Orquestra Consuelo realiza a sua actividade com o apoio da Caisse des Dépôts, mecenas principal. Recebe também o apoio do seu Círculo de Amigos, do Centre National de la Musique, Fonpeps, Adami e Spedidam.



foto: Lyodoh Kaneko



VICTOR JULIEN-LAFERRIÈRE

Laureado com o 1º Prémio no célebre Concurso Rainha Elisabeth, de Bruxelas, em 2017, naquela que foi a primeira edição dedicada ao violoncelo, Victor Julien-Laferrrière conquistou ainda o 1º Prémio, assim como dois prémios especiais no Concurso Internacional Primavera de Praga, em 2012. Em 2018, foi premiado com a “Victoire de la Musique”, o mais importante galardão de música clássica em França, como “Solista Instrumental do Ano”.

Victor Julien-Laferrrière apresenta-se regularmente como solista com orquestras de renome em todo o Mundo, incluindo a Orquestra Real do Concertgebouw de Amsterdão, Orquestra de Paris, Orquestra Nacional de França, BBC Philharmonic Orchestra, Deutsches Symphonie-Orchester Berlin, RTÉ National Symphony Orchestra, Nordwestdeutsche Philharmonie, entre outras, e com maestros de prestígio, como Emmanuel Krivine, Valery Gergiev, Kristiina Poska, Tugan Sokhiev, François-Xavier Roth, Jun Märkl e Philippe Herreweghe.

Os seus projectos de recitais e de música de câmara levam-no a salas e festivais de prestígio como Philharmonie de Paris, KKL de Lucerna, BOZAR de Bruxelas,

Tonhalle de Zurique, Concertgebouw de Amsterdão, Sommets Musicaux de Gstaad, Festival de Aix-en-Provence, Folles Journées de Nantes e Tóquio, entre outros. Victor Julien-Laferrrière desenvolve também uma notável actividade como maestro, tendo dirigido a Orchestre National d’Île-de-France, a Orchestre de l’Opéra de Rouen, a Orchestre de Chambre de Paris e fundou a sua própria orquestra, a Orchestre Consuelo, que colabora frequentemente com muitos dos principais festivais franceses.

Tem uma extensa discografia, laureada com vários prémios como o “Diapason d’Or” em 2021, incluindo obras de Schubert, Shostakovich, Rachmaninov, Denisov, Dvořák, Martinů, Dutilleux e Dusapin, entre outros. Victor estudou com René Benedetti e depois, sucessivamente, com Roland Pidoux, no Conservatório Superior de Paris, com Heinrich Schiff, na Universidade de Viena, e com Clemens Hagen, na Universidade Mozarteum de Salzburgo. Simultaneamente, de 2005 a 2011, integrou a Seiji Ozawa International Music Academy, na Suíça.

Toca com um extraordinário violoncelo construído por Domenico Montagnana e um arco de Dominique Peccatt.

CONCERTO ATLÂNTICO

O nome deste grupo é formado por duas palavras plenas de significado para os portugueses e directamente relacionadas com a música que interpreta: a palavra Concerto era usada no Renascimento para designar conjuntos instrumentais ou grupos de vozes e instrumentos tocando simultaneamente; o Atlântico é a matriz, espaço e símbolo, via que possibilitou no passado o sonho da expansão e o encontro de culturas e povos que nos enriquece no presente.

O Concerto Atlântico é formado por especialistas na interpretação de música dos séculos XV a XVII, utilizando instrumentos históricos (cópias de instrumentos da época) com critérios interpretativos que procuram valorizar aspectos da expressividade do repertório a que se tem dedicado.

Fundado e dirigido por Pedro Caldeira Cabral, o grupo, formado em 1991, tem efectuado inúmeros concertos no

território continental e regiões autónomas da Madeira e dos Açores. Tem além disso actuado no estrangeiro, nomeadamente Holanda (Utreque, Holland Festival, 1992), Marrocos (Festival Internacional de Rabat, 1992 e 1993), França (Paris, 1993 e 1994), Inglaterra (Londres, 1994) e Alemanha (Berlim, 2007). O Concerto Atlântico tem-se também apresentado com alguma regularidade na Rádio (RDP Clássica, Portugal, VPRO, Holanda, BBC 3, Inglaterra, Radio France Culture, França, ZDF, Alemanha, etc.) e Televisão (RTP 2) e gravou um CD intitulado “Meus Olhos vão pelo Mar...”

É até hoje o único quinteto de Violas de Arco em Portugal, sendo os seus membros poli-instrumentistas e formando também actualmente o único coro de Charamelas no nosso país. Tem realizado programas especiais com formações corais de adultos e crianças, bem como com actores e bailarinos especializados na dança renascentista.



PEDRO CALDEIRA CABRAL

Reconhecido internacionalmente como compositor e multi-instrumentista, conta já com mais de cinco décadas de carreira, uma das mais prolíficas e prestigiantes na cena musical nacional.

Investigador na área da música antiga e da guitarra portuguesa, tem publicado livros e artigos sobre organologia musical e, nesse âmbito, tem realizado conferências na Europa, Brasil, Colômbia, E.U.A. e Macau.

Com uma vasta discografia editada que inclui quase duas dezenas de obras, dedicada principalmente à música antiga, às suas composições originais e ao repertório solístico da cítara portuguesa, tem dado, na qualidade de solista, concertos nas principais salas e festivais da Europa, Estados Unidos da América, Colômbia, Macau e Brasil.

Desde 1970, participou e programou

diversos festivais, representou Portugal em diversos eventos institucionais de grande prestígio e chegou a estar na génese do movimento World Music, apresentando-se com frequência no Festival Womad de Peter Gabriel.

Como compositor, tem criado música para cinema, teatro e bailado. Em 2017, Pedro Caldeira Cabral foi agraciado em reconhecimento do seu trabalho de criação musical, investigação, divulgação e promoção internacional da cultura musical portuguesa com o Grau de Grande-Oficial da Ordem do Infante D. Henrique, atribuído pelo Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa. Esta ordem distingue as pessoas que reconhecidamente prestaram serviços relevantes a Portugal, dentro e fora do país, em prol da cultura portuguesa e para conhecimento de Portugal, da sua História e dos seus valores.



DSCH - SCHOSTAKOVICH ENSEMBLE

Fundado e dirigido pelo pianista Filipe Pinto-Ribeiro, o DSCH – Schostakovich Ensemble é reconhecido como um dos agrupamentos musicais de topo do actual panorama internacional. Sediado em Lisboa desde o início da sua actividade, o Schostakovich Ensemble é um ensemble de geometria variável e uma plataforma de encontro e interacção de músicos de excelência. O DSCH - Schostakovich Ensemble deve o seu nome ao célebre compositor russo Dmitri Schostakovich, numa homenagem prestada aquando da celebração do centenário do seu nascimento, em 2006, ano de fundação do Ensemble. Desde então, o Ensemble apresentou-se em várias temporadas e festivais, em vários países europeus, nos EUA e na Austrália. O vasto repertório do DSCH - Schostakovich Ensemble integra obras de diversas épocas e estilos musicais, de Beethoven a Schumann, de Mozart a Messiaen, de Haydn a Webern, de Brahms a Ravel, incluindo compositores contemporâneos, como Sofia Gubaidulina, com a qual o Ensemble estabeleceu uma estreita colaboração.

Ao longo dos seus quase 20 anos de existência, o Schostakovich Ensemble tem contado com a participação de muitos dos mais significativos músicos do nosso tempo,

como os violinistas Benjamin Schmid, Corey Cerovsek, Esther Hoppe, Liza Ferschtman, Jack Liebeck, Tedi Papavrami, Renaud Capuçon e Stephan Picard, os violetistas Lars Anders Tomter, Isabel Charisius, Gérard Caussé e Miguel da Silva, os violoncelistas Adrian Brendel, Christian Poltéra, Gary Hoffman, Kyril Zlotnikov e Quirine Viersen, os contrabaixistas Tiago Pinto-Ribeiro, Matthew McDonald e Janne Saksala, as flautistas Emily Beynon, Silvia Careddu e Adriana Ferreira, os oboístas Ramón Ortega e Jonathan Kelly, os clarinetistas Pascal Moragués e Michel Portal, os cantores José van Dam e Anna Samuil e os pianistas Eldar Nebolsin, Rosa Maria Barrantes e Filipe Pinto-Ribeiro, entre outros.

Em 2018, instituiu o Prémio de Composição DSCH – Schostakovich Ensemble, destinado a galardoar a obra e a carreira dos principais compositores portugueses. Luís Tinoco, Eurico Carrapatoso e Andreia Pinto Correia foram distinguidos, respectivamente, em 2019, 2021 e 2023. A discografia do DSCH - Schostakovich Ensemble inclui a 1ª gravação mundial da Integral da Música de Câmara para Piano e Cordas de Schostakovich e os Trios Opus 11 e 38 de Beethoven (ambos na Paraty/Harmonia Mundi), álbuns aclamados pela imprensa especializada nacional e internacional.



foto: Rita Santos



foto: Ozias Filho

SETE LÁGRIMAS

Fundado em Lisboa, em 1999, por Filipe Faria e Sérgio Peixoto, Sete Lágrimas assume o nome da inovadora colecção de danças do compositor renascentista John Dowland. Profundamente dedicados aos diálogos da Música Antiga com a contemporaneidade – bem como da música erudita com as tradições seculares –, Sete Lágrimas juntam músicos de diferentes horizontes musicais em torno de projectos conceptuais animados tanto por profundas investigações musicológicas como por processos de inovação, irreverência e criatividade em torno dos sons, instrumentário e memórias da Música Antiga. Nestes projectos são identificáveis os diálogos entre a música erudita e a popular, entre a Música Antiga e a contemporânea e entre a secular diáspora portuguesa dos Descobrimentos e o eixo latino mediterrânico convertidos em som através da fiel interpretação dos

cânones performativos da Música Antiga como de uma aproximação a elementos definidores da música tradicional ou do jazz.

Desde a sua fundação, o grupo desenvolve uma intensa actividade concertística de centenas de concertos na Europa e Ásia, chamando, regularmente, aos seus projectos, músicos convidados das áreas da Música Antiga e da música tradicional e do jazz.

No contexto dos projectos de diálogo entre a Música Antiga e a contemporânea, Sete Lágrimas estreou várias obras, especialmente dedicadas ao consorte. Em Portugal como no estrangeiro, as temporadas de concertos e a sua extensa discografia são elogiadas pela crítica e pelo público.

Sete Lágrimas conta com o apoio da Direcção-Geral das Artes do Ministério da Cultura e do Município de Idanha-a-Nova. É representado e editado pela Arte das Musas.

FILIPA LEAL

Nascida no Porto, Filipa Leal tem 14 livros publicados, entre os quais “A Cidade Líquida” e “O Problema de Ser Norte”, ou os mais recentes “Vem à Quinta-feira” e “Fósforos e Metal sobre Imitação de Ser Humano”, ambos finalistas do Prémio Correntes d’Escritas e semifinalistas do Prémio Oceanos. Está editada em Espanha, no Brasil, na Colômbia, em França e na Polónia. Formada em Jornalismo pela Universidade de Westminster, é Mestre em Estudos Portugueses e Brasileiros pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Passou também pelo Balletteatro do Porto, onde fez, durante um ano, o curso de formação de teatro para não profissionais, com Victor Hugo Pontes. Em 2013, voltou à Faculdade de Letras do Porto para uma formação em escrita de argumento. Desde 2003, participa regularmente em recitais de poesia. Destaque para o Teatro do Campo Alegre, mas também CCB, Casa Fernando Pessoa, Teatro São Luiz, Fundação Gulbenkian, Casa da Música, entre outros. Está representada em várias antologias em Portugal e no estrangeiro. Em 2010, teve um dos seus poemas exposto no Metro de Varsóvia. Em 2012 e 2014, representou Portugal em encontros literários na Alemanha – no Festival de Poesia de Berlim 2012, e na Conferência dos Escritores Europeus 2014. Em 2016, o seu

poema “Hoje, também os carros dançam” integrou uma instalação sonora europeia na British Library, em Londres. Em 2021, a compositora colombiana Mónica Giraldo adaptou um poema seu, que interpreta no álbum “Hubo un Tiempo”.

Tem integrado alguns júris internacionais: fez parte do Júri do Prémio de Literatura Oceanos (2018) e do Júri do Prémio de Jornalismo Gabriel García Márquez (Colômbia, 2019).

Poeta, jornalista e argumentista (destaque para o guião do filme “Jogo de Damas”, com a realizadora Patrícia Sequeira – Prémio de Melhor Guião nos Festivais de Cinema do Chipre e de Copenhaga; e para a série “Mulheres Assim”, na RTP1). Entre 2019 e 2024, apresentou, com Pedro Lamas, o programa de literatura “Nada Será Como Dante”, na RTP2. Nos últimos 10 anos, colaborou nos programas de televisão “Câmara Clara”, “Agora Literatura”, e “Literatura Aqui”, também na RTP2. Passou pela Rádio Nova, pelo jornal O Primeiro de Janeiro; colaborou com as revistas “Os Meus Livros” e “Pessoa”, entre outras.

Em 2023, gravou, para a Imprensa Nacional, o audiolivro “Poesia Portuguesa de Francisco de Sá de Miranda”. Desde 2023, é também uma das vozes do Coliseu do Porto, no projecto “Mantras”. Acaba de publicar o livro “O Vestido de Noiva” (editora Relógio D’Água).



PEDRO LAMARES

Nasceu em 1979. Estudou teatro na Academia Contemporânea do Espectáculo.

No teatro trabalhou mais de uma dezena de autores. No cinema participou em filmes dos realizadores João Botelho, Jorge Paixão da Costa, Vítor Gonçalves, Joaquim Leitão, António Pedro Vasconcelos, Vicente Alves do Ó e Tiago Durão. Na Televisão apresentou os programas “Literatura Agora”, “Literatura Aqui” e “Nada será como Dante” (RTP2) onde, com Filipa Leal, fez também parte da equipa criativa, escolha e gravação de textos.

Integrou o elenco principal de oito novelas em Portugal e uma no Brasil. Protagonizou dois telefilmes da TVI. Integrou o elenco principal de várias séries onde se destacam “Pecado”, “3 Mulheres”, “O Atentado”, “A Espia”, “Filhos do Rock” ou “República” - todas estas para a RTP.

Na poesia, dedica-se à escolha de textos, direcção de espectáculos e leitura em recitais e ciclos literários. Participou em mais de uma dezena de festivais literários, nacionais e internacionais.

Dirige espectáculos nas áreas do teatro, música e poesia. Criou vários projectos a solo e com músicos. Nesse contexto criou, dirigiu e interpretou espectáculos com actores como Eunice Muñoz, Lúcia Moniz, Natália Luíza ou Rui Spranger e músicos como Noiserv, Rui David, Ana Isabel Dias,

Pancho Tarabbia, Filipe Pinto-Ribeiro ou Orquestra Metropolitana de Lisboa. Coordenou durante dez anos a ‘maratonas de leitura’ do Centro Cultural de Belém, projecto a que regressou em 2024. Participou em cerca de 70 espectáculos do ciclo “Quintas de Leitura” do Teatro Municipal do Porto. Participa como criador e formador, desde 2017, em todas as edições da “Maratona de Leitura da Sertã”. Trabalhou regularmente com instituições como Casa Fernando Pessoa, Fundação José Saramago ou Instituto Camões. É professor em escolas de teatro e formador na área da comunicação e leitura de texto para professores e actores. Desenvolve projectos de palestras e recitais para estudantes do secundário. É formador e coordenador de teatro no projecto ELO. Gravou com João Grosso os textos do CD de apoio ao manual escolar da Raíz Editores. Foi professor convidado nas escolas profissionais de teatro Academia Contemporânea do Espectáculo e Balleateatro. É criador na Companhia Nacional de Espectáculos. Levou espectáculos e criações suas a Macau, Cabo Verde, Brasil, Bélgica, Suíça e Itália. Filmou em países como Líbano, Moçambique, Brasil, Chile e Alemanha. Foi indicado a prémios nacionais como melhor actor principal e secundário por trabalhos em televisão e em cinema.



ORQUESTRA DE VENEZA “I SOLISTI VENETI”

Considerada a mais famosa orquestra de câmara italiana, foi fundada pelo Maestro Claudio Scimone em 1959 e, sob a sua direcção e liderança musical, rapidamente ascendeu aos mais altos níveis de brilhantismo internacional e conquistou a admiração incondicional do público e da crítica, com um número superior a 6000 concertos em mais de 90 países, participação nos mais importantes Festivais Internacionais (mais de 30 concertos no Festival de Salzburgo), gravações de mais de 350 LP, CD e DVD, e uma rica selecção de publicações musicais e históricas. O quinquagésimo aniversário dos “I Solisti Veneti”, em 2010, foi celebrado na Basílica de Santo António, em Pádua, na presença do Presidente da República Italiana, e posteriormente, em Dezembro de 2010, com o concerto oficial de Natal no Senado. “I Solisti Veneti” e Claudio Scimone obtiveram os mais altos prémios no campo musical, desde o Grammy Award em Los Angeles até vários Grand Prix du Disque da Charles Cros Academy em Paris e da Académie du Disque Lyrique, entre muitos outros. Em 2008, no Teatro La Fenice de Veneza, receberam da Associação Arthur Rubinstein o prémio “Una Vita per la

Musica”, que em Itália é considerado o Prémio Nobel da música. Por ocasião do seu 50º aniversário (2008), o Parlamento Europeu homenageou “I Solisti Veneti” com uma placa oficial onde são elogiados como “Embaixadores da cultura e da música além-fronteiras”. “I Solisti Veneti” foram protagonistas de várias gravações televisivas de referência, incluindo uma interpretação de “As Sete Últimas Palavras” de Haydn na Capela Scrovegni em Pádua (dirigido por Ermanno Olmi), “Vivaldi peintre de la musique” de François Reichenbach e muitas outras.

A orquestra trabalhou com os melhores cantores e solistas da nossa época, entre os quais Plácido Domingo, Andrea Bocelli, José Carreras, June Anderson, Itzhak Perlman, Sviatoslav Richter, Jean Pierre Rampal, James Galway, Salvatore Accardo, para citar apenas alguns. Após o falecimento, em 2018, de Claudio Scimone, fundador e director dos “I Solisti Veneti”, Clementine Hoogendoorn Scimone e o novo director artístico e musical, Giuliano Carella, continuam a perpetuar o legado espiritual e estético do Maestro Scimone.



GIULIANO CARELLA

Giuliano Carella, discípulo predilecto de Claudio Scimone (fundador e director de “I Solisti Veneti” de 1959 a 2018), dirigiu a Orquestra pela primeira vez, algumas semanas após a morte de Scimone, na prestigiada Fundação Pierre Gianadda em Martigny, Suíça, e desde então foi eleito como maestro principal e director artístico daquela que é considerada a mais famosa orquestra de câmara italiana.

Giuliano Carella dirige com frequência em alguns dos principais melhores palcos mundiais como a Bayerische Staatsoper em Munique, a Staatsoper de Berlim, a Staatsoper de Hamburgo, a Staatsoper de Stuttgart, a Staatsoper de Viena, a Opéra Comique em Paris, a Opéra de Marseille, a Opéra du Rhin em Estrasburgo, o Teatro de la Zarzuela e o Teatro Real em Madrid, o Liceu em Barcelona, o Teatro São Carlos em Lisboa, a Ópera de Montecarlo, a Opera North em Leeds, a New Israeli Opera em Tel Aviv, o Teatro Colón em Buenos Aires, o Michigan Opera Theater em Detroit, o New National Theater em Tóquio, a Opéra de Wallonie em Liège, a Opéra de Toulon, assim como a Arena di Verona, o Teatro Comunale em Bolonha, o Teatro Massimo em Palermo, o Teatro Carlo Felice em Génova, o Teatro Verdi em Trieste, o Rossini Opera Festival em

Pesaro, o Festival de Martina Franca, o Festival Puccini em Torre del Lago e o Belcanto Festival em Dordrecht.

Gravou várias óperas, muitas delas aclamadas pela crítica, como a versão original de “Sonnambula” (Prémio Musica e dischi) e a edição crítica de “Ernani” (Prémio Diapason) gravada para a Nuova Era, “L’ultimo giorno di Pompei de Pacini” (Le Timbre de Platine) para a Dynamic, assim como uma série de recitais para Teldec e Erato, liderando a English Chamber Orchestra com Sumi Jo e Jennifer Larmore (nomeação aos Grammy Awards de 1999). Para a Opera Rara, gravou “Elisabetta Regina d’Inghilterra” de Rossini com Jennifer Larmore, “Il diluvio universale” de Donizetti, um CD de destaques de “L’Esule di Granata” de Meyerbeer com a London Philharmonic Orchestra, bem como “Adelaide di Borgogna” de Rossini, ao vivo, no Festival de Edimburgo.

Giuliano Carella é diplomado em direcção de orquestra pelo Conservatório “Giuseppe Verdi” de Milão, em composição pelo Conservatório “Cesare Pollini” de Pádua e recebeu um diploma honorário de mérito da Accademia Chigiana di Siena, onde se especializou sob a orientação de Franco Ferrara.

INFORMAÇÕES ÚTEIS

e-mail: info@classicfest.pt

telefone: 939 083 383

classicfest.pt

Teatro Municipal de Bragança

Praça do Professor Cavaleiro de Ferreira, 5300-252 Bragança

Igreja de Santa Maria – Cidadela de Bragança

Rua da Cidadela, Santa Maria, 5300-025 Bragança

Igreja de São Francisco – Convento de São Francisco

Rua de São Francisco, 5300-037 Bragança

Bilhetes à venda em

Teatro Municipal de Bragança

telefone: 273 302 744

e-mail: bilheteira@cm-braganca.pt

teatromunicipal.cm-braganca.pt

ticketline.sapo.pt

e nos locais habituais



EQUIPA

Organização

Câmara Municipal de Bragança
Teatro Municipal de Bragança
DSCH – Associação Musical

Director Artístico

Filipe Pinto-Ribeiro

Director Administrativo

Paulo Veríssimo da Silva

Directores Assistentes

Rosa Maria Barrantes e Tiago Pinto-Ribeiro

Produção e Comunicação

Mariana Godinho

Assistentes de Produção

Filipa Bandeira e João Mendes

Notas aos programas

Sónia Gonçalves da Silva

Imagem Gráfica do Festival & Catálogo

António Afonso e Rita Carmo {Espanta Espiritos design}

Site

AWD

Impresso por **Ondagrafe** Setembro 2024

